

TAÍS SOBRINHO BARRENHA

“ESCREVER PARA NÃO MORRER”– A POESIA DE STELA DO PATROCÍNIO

A literatura como dispositivo de resistência, cuidado e produção de
subjetividade

ASSIS

2019

TAÍS SOBRINHO BARRENHA

“ESCREVER PARA NÃO MORRER” – A POESIA DE STELA DO PATROCÍNIO

A literatura como dispositivo de resistência, cuidado e produção de
subjetividade

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, para a obtenção do título de Mestra em Psicologia, Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade.

Orientador(a): Elizabeth M. Freire de Araújo Lima

Co-Orientador(a): Hélio Rebello Cardoso Junior

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

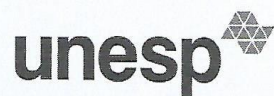
ASSIS

2019

B271" Barrenha, Taís Sobrinho
"Escrever para não morrer" - a poesia de Stela do
Patrocínio : A literatura como dispositivo de resistência,
cuidado e produção de subjetividade / Taís Sobrinho
Barrenha. -- Assis, 2019
86 f. : fotos
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Elizabeth M. Freire de Araújo
Lima Coorientadora: Hélio Rebello Cardoso
Junior
1. Psicologia. 2. Psicologia e literatura. 3. Psicologia e
Filosofia. 4. Serviços de saúde mental. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: "ESCREVER PARA NÃO MORRER" – A POESIA DE STELA DO PATROCÍNIO: A literatura como dispositivo de resistência, cuidado e produção de subjetividade

AUTORA: TAIS SOBRINHO BARRENHA

ORIENTADORA: ELIZABETH MARIA FREIRE DE ARAÚJO LIMA

COORDENADOR: HELIO REBELLO CARDOSO JÚNIOR



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof.ª. Dra. ELIZABETH MARIA FREIRE DE ARAÚJO LIMA
PPG/Psicologia / UNESP/Assis

Prof. Dr. GUSTAVO HENRIQUE DIONÍSIO
Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/Assis

Prof.ª. Dra. PAULA CARPINETTI AVERSA
SP / São Paulo

Assis, 05 de junho de 2019

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Aos funcionários da Secretaria de Pós-graduação da UNESP, Campus de Assis, pelas orientações e disponibilidade. Em especial ao João e ao Marcos, pela infinita paciência e gentileza sempre.

Aos funcionários da biblioteca, que sempre atendem nossas solicitações com gentileza, e a todos os funcionários da UNESP do Campus de Assis.

Aos professores que me proporcionaram encontros produtivos e agradáveis e aos colegas da pós-graduação, que nos proporcionam debates e discussões sempre pautados pelo respeito. Nos dias atuais a universidade ainda é um espaço de acolhimento e respeito, de bons encontros e de produção de conhecimento, um oásis num deserto tão árido.

A Ricardo A. F. Martins, pelas conversas e pelo cuidado com os filhos.

Aos meus filhos, Guilherme e Leonardo. Como diz Fernando Pessoa “nada é tão nosso quanto nossos filhos”.

A minha avó materna e mãe Dona Carmela. Apesar de não ser filha biológica, sempre me senti a filha caçula, com todos os benefícios da posição ocupada.

A minha madrinha e tia Marli Scheicher, que está ao meu lado nos momentos mais complicados, sempre me apoiando.

A meus irmãos Andréa Mendes, Natália C. Barrenha e Bruno C. Barrenha.

A minha família materna e paterna.

A minha orientadora, Professora Doutora Elizabeth M. Freire de Araújo Lima, por seu acolhimento, paciência, confiança em meu trabalho e em mim enquanto pesquisadora. Por seu apoio em momentos difíceis, pela gentileza e pela delicadeza das palavras e das ações, pelas conversas e pela amizade.

Ao meu co-orientador, Professor Doutor Hélio Rebello Cardoso Junior, por seu acolhimento, pela oportunidade, paciência e confiança em meu trabalho. Pela disponibilidade e pela amizade, pela gentileza e delicadeza desde sempre.

A Gustavo Henrique Dionísio, pelo aceite como aluna especial na disciplina que ministrava em 2014, a qual me possibilitou voltar para a universidade para fa-

zer a pós-graduação em Psicologia, meu curso de formação, e na área da Saúde Mental, que foi a que eu escolhi desde sempre.

À banca de qualificação mais fofa do mundo, composta por Gustavo Henrique Dionísio e Roberto D. S. Nascimento, Silvio Yasui e Paula C. Aversa.

A Maria do Socorro Lacerda e a Lilian Thimonth, amigas e companheiras na pós-graduação, pelo carinho e pelos ouvidos. Por tudo e para sempre.

A Silvio Yasui e a Heloisa, pelo empréstimo da casa para nossas reuniões-almoços, pela hospitalidade e pelo vinho, pelas conversas.

Aos amigos Caio Russo e Luís R. Amábile, pelas conversas e pelas risadas.

Aos amigos e companheiros de grupo de pesquisa, Rafael O. Rodrigues, Guilherme G. D. Providello, Juliana Araújo, Tanya M. Cardoso, Paula C. Aversa, Juliana Aleixo e a Lívia Pellegrini, pela paciência e pela amizade.

A Zuleika Köhler Gonzales, pela confiança e pela amizade e por começar tudo isso aceitando me orientar na especialização.

As amigas e professoras do curso de especialização em Saúde Mental Coletiva da URI – Frederico Westphalen/RS, em especial Angélica, Haline e Fabiana.

*Olhos cegos para o mundo
Olhos nas fendas do morrer,
Olhos olhos:
Não leias mais – olha !
Não olhes mais – vá !*

Paul Celan

BARRENHA, T. S. **“ESCREVER PARA NÃO MORRER” – A POESIA DE STELA DO PATROCÍNIO. A literatura como dispositivo de resistência, cuidado e produção de subjetividade.** 2019. 86f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

A Política de Saúde Mental é instituída no Brasil através da Lei Federal 10.216/01 e tem como premissa fundamental a humanização da assistência prestada ao portador de sofrimento psíquico. A proposta atual da Reforma Psiquiátrica tem como objetivo a desinstitucionalização e inclusão do portador de sofrimento psíquico nos diferentes espaços da sociedade. Para viabilizar essa proposta, diferentes estratégias surgem no âmbito nacional e outras se encontram em construção. A reorientação do modelo assistencial deve estar pautada pelo cuidado e em uma concepção de saúde compreendida como processo e não como ausência de doença, com ênfase na reabilitação psicossocial. Dentre os muitos trabalhos desenvolvidos dentro dessa perspectiva, encontramos as Oficinas Terapêuticas, que em função da sua plasticidade nos permite trabalhar de várias maneiras, uma delas é o trabalho com a literatura. E foi a partir dessa experiência com Oficinas de Escrita/Literatura em equipamentos públicos de Saúde Mental que a questão da relação entre loucura-linguagem-literatura surgiu como um problema de pesquisa. Para pensar essa relação partimos da poesia de Stela do Patrocínio, que foi durante muitos anos uma das internas da Colônia Juliano Moreira, quem fica em Jacarepaguá-RJ. É através de seu “falatório” que Stela do Patrocínio relata a experiência do manicômio. Mas como escrever sobre Stela? Uma vida possível de ser narrada é uma vida que se afirma, pois narrar tem relação com a transmissão de um conhecimento, de como a experiência de si se organiza. Mas como esse discurso pode ser legitimado? Essa noção de legitimidade se encontra atrelada ao reconhecimento do direito à palavra por parte daquele que diz. O testemunho não admite substituição, portanto a experiência que Stela comunica é única. De um testemunho que ressuscita a linguagem e pode nomear uma perda. Seu “falatório” produz um efeito poético. A linguagem de Stela é uma linguagem outra, matéria bruta e em fluxo. Uma linguagem que se comunica com seu fora, uma experiência-limite. Para Mosé (2005), o lugar da linguagem não é o do sentido, mas, ao contrário, o da experimentação do vazio, da ausência. A linguagem, a narrativa e a escrita é o que escapa, é o que resiste e possibilita a criação-invenção de um mundo que pode vir a ser habitado/ressignificado. A linguagem que Stela nos comunica é o da experimentação e da vivência. O lugar do “manicômio” é o da aniquilação do sujeito. Mas Stela não desaparece, pois ela anuncia “Eu sou Stela do Patrocínio”. Escrever sobre Stela do Patrocínio é dar visibilidade ao acontecimento Stela. Dentro dessa proposta procuramos visualizar a experiência da loucura enquanto experiência-limite e a poesia de Stela do Patrocínio como arte que resiste a instituição manicomial, na medida em que é vista dentro da categoria estética da experiência-limite.

Palavras-chave: Stela do Patrocínio. Saúde Mental. Literatura. Experiência-limite.

BARRENHA, T. S. **“WRITE NOT TO DIE” – THE POETRY OF STELA DO PATROCÍNIO. Literature as a device of resistance, care and production of subjectivity.** 2019. 86p. Dissertation (Masters in Psychology) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

ABSTRACT

Mental Health Policy is established in Brazil through Federal Law 10.216 / 01 and has as a fundamental premise the humanization of care provided to the person suffering from psychic suffering. The current proposal of the Psychiatric Reform aims at the deinstitutionalization and inclusion of the bearer of psychic suffering in the different spaces of society. In order to make this proposal viable, different strategies appear at the national level and others are under construction. The reorientation of the care model must be guided by care and a conception of health understood as a process and not as an absence of illness, with emphasis on psychosocial rehabilitation. Among the many works developed within this perspective, we find the Therapeutic Workshops, who because of their plasticity allows us to work in various ways, one of them is work with literature. And it was from this experience with Writing Workshops / Literature in public Mental Health equipments that the question of the relationship between madness-language-literature emerged as a research problem. To think about this relationship we start with the poetry of Stela do Patrocínio, who was for many years one of the interns of the Colônia Juliano Moreira, who is in Jacarepaguá-RJ. It is through her "talk" that Stela do Patrocínio relates the asylum experience. But how to write about Stela? A possible life to be narrated is a life that is affirmed, for narrating is related to the transmission of a knowledge, of how the experience of itself is organized. But how can this speech be legitimized? This notion of legitimacy is tied to the recognition of the right to the word by the one who says it. The testimony does not admit of substitution, so the experience that Stela communicates is unique. From a testimony that resurrects language and can name a loss. His "talk" produces a poetic effect. The language of Stela is another language, raw and flowing. A language that communicates with your outside, a experience-limit. For Mosé (2005) the place of language is not that of sense, but, instead, of the experimentation of emptiness, of absence. Language, narrative and writing are what escapes, is what resists and enables the creation-invention of a world that can be inhabited / resignified. The language that Stela communicates to us is that of experimentation and experience. The place of the "madhouse" is that of the annihilation of the subject. But Stela does not disappear, she announces "I am Stela of Sponsorship". Writing about Stela do Patrocínio is to give visibility to the Stela event. Within this proposal we seek to visualize the experience of madness as experience-limit and the poetry of Stela do Patrocínio as art that resists the insane institution, as it is seen within the aesthetic category of experience-limit.

Keywords: Stela do Patrocínio. Mental health. Literature. Experience-limit.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 A Colônia Juliano Moreira (CJM) e a Reforma Psiquiátrica Brasileira	14
2. METODOLOGIA	23
2.1 A genealogia nietzschiana a partir de Foucault e sua contribuição no campo da saúde	24
3. STELA DO PATROCÍNIO: CRONOLOGIA E POESIA	30
3.1 O estudo do tempo ou datar acontecimentos	30
3.2 O encontro entre a loucura, a literatura e a filosofia: Viviane Mosé encontra Stela do Patrocínio.	36
3.3 A poesia de Stela do Patrocínio – linguagem, literatura como transgressão e cuidado de si.....	38
3.4 Escrituras do manicômio: sobre a literatura de testemunho	49
4. A EXPERIÊNCIA LIMITE E/OU A EXPERIÊNCIA DO FORA: MAURICE BLANCHOT, MICHEL FOUCAULT E GILLES DELEUZE	54
4.1 Stela fala. Stela não escreve: sobre a obra de Stela do Patrocínio	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76

1. INTRODUÇÃO

Até a segunda metade do século XIX, os doentes mentais que habitavam o Rio de Janeiro não se beneficiavam de nenhuma assistência médica específica. Quando não eram colocados nas prisões por vagabundagem ou perturbação da ordem pública, os loucos erravam pelas ruas ou eram encarcerados nas celas especiais dos hospitais gerais da Santa Casa de Misericórdia (COSTA, 2006, p. 33).

Em 1852, marco da Psiquiatria Brasileira, o Hospício D. Pedro II é inaugurado no Rio de Janeiro e passa a ser o local onde os doentes mentais eram internados, tirando-os assim das ruas e do convívio da sociedade. Esses espaços onde eram enclausurados receberam o nome de asilos, hospícios e manicômios.

Na época em que foi inaugurado, o Hospício Pedro II possuía as mesmas características dos hospitais pautados no tratamento moral preconizado por Phillippe Pinel.¹ Em meados do século XVIII, Pinel propôs a substituição dos asilos por hospitais, possibilitando uma separação entre dois grupos excluídos socialmente: o primeiro composto por criminosos, inválidos, mendigos e portadores de doenças venéreas; o segundo, o grupo dos loucos que passavam a ser considerados doentes mentais. O tratamento destinado ao segundo grupo, do qual os doentes mentais faziam parte, foi a introdução do trabalho como instrumento de cura, dando início ao que se denominava Tratamento Moral.² Este consiste em uma proposta de reeducação do doente mental pelo trabalho e ocupação do tempo ocioso, pois o trabalho era considerado a base de uma sociedade organizada. Para Lima (2009), nos projetos de ordenação da população, o primeiro ponto é a preocupação com o tempo ocioso, já que esse é visto como fator de perigo urbano que destrói a saúde e cria condições para que a desordem e o descontrole penetrassem.

Para Lima (2009), apesar da construção do hospício ser o centro em torno do qual se organizou a psiquiatria nascente, o enfoque na produção teóri-

¹ PEREIRA, M.E.C. Pinel – a mania, o tratamento moral e os inícios da psiquiatria contemporânea. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, ano VII, n.3, set/2004, p.113-116.

² A teoria de Pinel consistia numa proposta de internação e isolamento do alienado como melhor resposta social ao estado de apreensão causado pela loucura. Para tanto, propõe o Tratamento Moral, o qual tem no trabalho mecânico seu eixo regulador, sendo capaz de garantir a manutenção da saúde e a Laborterapia como uma terapêutica que desempenharia uma função corretiva e disciplinar fazendo oposição ao ócio entendido como elemento desorganizador do comportamento.

ca brasileira estava centrado no estudo das doenças, de seus aspectos clínicos, anatomopatológicos e estatísticos. Os primeiros trabalhos teóricos surgidos no Brasil nesse período, em meados do século XIX, buscam uma definição de doença mental e das formas de detectá-la, ficando os trabalhos sobre a instituição em segundo plano. A psiquiatria brasileira, nesse momento, reproduz e importa o discurso teórico da psiquiatria francesa.

A concepção clássica de loucura não contemplava até então a noção de cura e patologia. Quando a psiquiatria é inserida nos domínios da medicina enquanto disciplina, passa a deter um saber sobre a loucura, vista agora como doença. Assim, surge a Psiquiatria como disciplina médica e ciência, e o Hospital Psiquiátrico lugar onde o discurso médico passa a circular e onde suas práticas são definidas. Dessa forma, o internamento do doente mental passa a ser compreendido e apresentado como uma necessidade para que seja realizado seu tratamento e a loucura assim se transforma em um objeto de um dispositivo psiquiátrico,³ a tutela. Portanto, o disciplinamento dos corpos e sua institucionalização, bem como a reorganização do comportamento que desvia da norma,⁴ acontecem através do discurso médico. Com o nascimento do hospício, a Psiquiatria se consolida em um saber científico sobre a doença mental e o internamento assume a função de cura.

Os princípios do isolamento, da organização do espaço terapêutico, da vigilância e da distribuição do tempo regem a totalidade da vida dos alienados, atingem cada minuto de sua existência. Ao mesmo tempo em que circunscrevem individualmente o alienado, percorrendo a minúcia de seus corpos, de seus gestos, estes princípios dizem respeito à população que vive no hospício. Estabelecendo normas de comportamento, intervindo para que estas normas sejam interiorizadas, transformando e criando a docilidade, a obediência, eles funcionam para toda a coletividade que habita o hospício (MACHADO *et al*, 1978, p.443).

³ A noção de dispositivo em Foucault faz referência a técnicas, estratégias e formas de assujeitamento utilizados pelo poder. Quando a loucura ganha status de alienação mental, sendo considerada, portanto, uma “doença mental”, a Psiquiatria se consolida (enquanto uma disciplina médica), num saber científico sobre a loucura com a finalidade de controle e, dessa maneira, tutela sobre a mesma e o Hospital Psiquiátrico vai se tornar o lugar onde esse saber/poder é construído e suas práticas (isolamento e internamento) definidas. A produção da loucura como “doença mental” permite, com o propósito de cura, que se possa isolar o louco da sociedade, como medida mais eficiente, e para que se possa estudar a loucura sem interferências externas. Dessa maneira, o hospital se torna um espaço de controle e disciplinamento.

⁴ Para maiores informações ver: REVEL, J. Michel Foucault: conceitos essenciais. Tradução brasileira: Maria do Rosário Gregolin *et al*. São Carlos, SP: Claraluz Editora, 2005, p.65.

Machado *et al* (1978) aponta que a grande realização da psiquiatria na época de sua constituição, é o hospício como poder disciplinar.⁵

A psiquiatria, portanto, não se constitui no Brasil como uma ideia, uma idealidade discursiva, um simples efeito ideológico: uma justificação ou legitimação que tem como objetivo ofuscar, mistificar, obscurecer os mecanismos de dominação uma classe sobre a outra. Sua ação é muito mais penetrante, eficaz e positiva. Ela atinge diretamente o corpo das pessoas; é uma realidade que desempenha um papel de transformação dos indivíduos, assumindo o encargo de sua vida, gerindo sua existência, impondo uma norma de conduta a um comportamento desregrado. Denota, assim, a presença da medicina em um aspecto da realidade que até então lhe era estranho, desconhecido, exterior. Através da psiquiatria o médico penetra ainda mais profundamente na vida social, dá as cartas em um jogo que passa a existir segundo regras por ele mesmo criadas (MACHADO *et al*, 1978, p.447).

De acordo com Lancman (2007 apud BARICHELO, 2009, p. 08), as instituições psiquiátricas encontram no trabalho uma via rápida de inserção do indivíduo com doença mental no meio social. A constatação de que as relações entre os internos se modificavam deram ao uso do trabalho como tratamento o *status* de terapêutico e reforçaram a ideia de que o trabalho era um potencial facilitador no restabelecimento de relações significativas dos internos com o meio familiar e social. Entretanto, persistia ainda o caráter de utilidade e funcionalidade. O trabalho terapêutico tinha como finalidade normatizar, enquadrar e disciplinar, tornando os alienados aptos ao trabalho e aptos a viver em sociedade, moldando seus comportamentos inconvenientes e condutas mórbidas sem contemplar seus aspectos subjetivos.

Foi nas primeiras décadas do século XX que a perspectiva terapêutica dispensada ao doente mental assume outros contornos. Em 1946, a psiquiatra Nise da Silveira assumiu a organização e gestão das Oficinas Terapêuticas do Hospital Pedro II, agrupando os pacientes em atividades variadas que envolviam não só o esforço característico do trabalho (Laborterapia) em oficinas de sapataria, marcenaria e outras como também as possibilidades trazidas pelas atividades expressivas, culturais e de recreação, abrindo espaço para a experiência da criação e para as produções da loucura enquanto tal.

⁵ REVEL, J. Michel Foucault: conceitos essenciais. Tradução brasileira: Maria do Rosário Gregolin *et al*. São Carlos, SP: Claraluz Editora, 2005, p. 35.

No Centro Psiquiátrico Nacional do Engenho de Dentro, Nise criou ateliês de pintura e modelagem para os internos. A psiquiatria permitiu que os indivíduos em sofrimento psíquico tivessem a possibilidade de expor suas emoções mais intensas, por meio da criação e produção, a qual era de importância científica para a compreensão do processo psíquico (CAVALCANTI *et al.*, 2003, p.119).

A relação entre arte, clínica e loucura ganhou novos impulsos através da psiquiatra Nise da Silveira, movida pela sua indignação com a assistência psiquiátrica proporcionada aos doentes mentais nas instituições (LIMA; PELBART, 2007, p. 723). No trabalho com a arte, as manifestações artísticas do doente mental ganham espaço e a percepção de doença mental ganha outros contornos, um outro olhar.

Esse trabalho também tinha o objetivo de ressocialização do doente mental, contudo o tratamento era ainda realizado dentro da instituição. Apesar do tratamento ainda ser realizado dentro do espaço do manicômio, o trabalho artístico contempla o aspecto subjetivo do indivíduo, as produções da loucura. Somente em 1961 foi criada a Casa das Palmeiras, para o acompanhamento dos pacientes que tinham alta do hospital. Com os trabalhos plásticos produzidos pelos pacientes esquizofrênicos nas oficinas organizadas por Nise da Silveira cria-se, em 1952, o Museu Imagens do Inconsciente, anexo ao Hospital Pedro II, no Rio de Janeiro. Importante ressaltar que no Brasil outras experiências com pesquisadores que trabalham a arte produzida por doentes mentais como objeto de estudo antecederam o trabalho de Nise da Silveira.⁶

O trabalho de Nise da Silveira, de grande sensibilidade e delicadeza, possibilitou estranhamentos e novas afetações, instaurando novos regimes de sensibilidade. Abriu espaço para manifestações e criações loucas e afirmou a importância de uma escuta atenta e interessada por essas produções. Assim a psiquiatria, mesmo trabalhando dentro do manicômio com elementos que lhe são próprios, introduziu outra lógica gerando conflito no espaço asilar e fora dele, criando novas possibilidades de vida (LIMA, 2009, p.146).

⁶ No Brasil, temos os trabalhos pioneiros do médico e crítico de arte Osório César, do Hospital Juquery em São Paulo, que em 1924 publica o artigo “A arte primitiva dos alienados”, sendo, ao que tudo indica, o primeiro estudioso que se dedica de maneira sistemática e aprofundada à análise tanto da arte produzida por doentes mentais, quanto das manifestações religiosas e culturais da população abandonada nos hospícios. Contemporâneo de Ulysses Pernambucano (1892-1943) – e de suas experiências inovadoras à frente do Hospital Psiquiátrico Tamarineira, em Recife – e antecedendo, ainda que com um enfoque distinto, as realizações de Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, Osório César fez em São Paulo as primeiras injeções entre psiquiatria, arte e psicanálise.

Apesar da importância dessa experiência, ela não produziu grandes alterações no espaço asilar, além de algumas pequenas mudanças na assistência dispensada ao doente mental. A proposta de Silveira era marginal ao tratamento hegemônico da loucura, que era ainda baseado na vigilância, controle, disciplina e correção de comportamentos desviantes. Os pacientes eram mantidos confinados dentro das paredes do Hospital Psiquiátrico, alienados do tempo e da história.

1.1 A Colônia Juliano Moreira (CJM) e a Reforma Psiquiátrica Brasileira

A Colônia Juliano Moreira, criada em 1924, em Jacarepaguá, cidade do Rio de Janeiro, chegou a abrigar cerca de 5 mil pessoas nos anos 60. Ela reproduzia um modelo de manicômio que remonta ao Séc. XIX no Brasil. O primeiro hospital psiquiátrico do país foi o Hospício Pedro II, inaugurado em 5 de dezembro de 1852, a partir do Decreto n.º 82 de 18 de julho de 1841. Construído na Praia Vermelha, afastado do centro urbano do Rio de Janeiro, tinha por finalidade atender os loucos recolhidos pela Santa Casa, considerado local impróprio e custoso para abrigá-los. Articulava-se aí um duplo afastamento dos insanos, pelo distanciamento da população e por sua reclusão.

Com o surgimento da República, o Hospício Pedro II⁷ passou a se chamar Hospício Nacional de Alienados, em 1890, ficando sob a administração do governo federal e desvinculando-se assim da Santa Casa. Em 1902,⁸ em função de diversas irregularidades existentes no Hospício Nacional de Alienados e nas colônias foi aberto um inquérito e, após a apuração dos fatos, sugeridos melhoramentos.

⁷ A historiografia da psiquiatria no Brasil, produzida tanto por uma história tradicional quanto por autores alinhados com a história social ou cultural, é unânime em estabelecer como marco de origem do alienismo no Brasil a criação em 1841 da primeira instituição assistencial voltada para a alienação mental, que é o Hospício Pedro II. Sua criação fora um dos atos do novo imperador Pedro II, instituído por ocasião de seu coroamento, embora só tenha sido inaugurado efetivamente em 1852 (VENÂNCIO, 2011, p. 37-38).

⁸ Em 1902, um inquérito levado a cabo no Governo Rodrigues Alves revela que o Hospital Nacional não passa de uma casa de detenção para loucos, sem qualquer tratamento conveniente nem fiscalização (COSTA, 2006, p. 34).

O Dr. Juliano Moreira,⁹ professor substituto da cadeira de Clínica Psiquiátrica da Bahia – então nomeado diretor da Assistência Médico-Legal aos Alienados – foi encarregado das mudanças do sistema psiquiátrico.

Jurandir Freire Costa, em seu livro *História da Psiquiatria no Brasil – um corte ideológico* (1981), aponta que umas das teses da psiquiatria da época se amparava na hereditariedade como causa da doença mental. No artigo “Fatores hereditários em Psychiatria”, de 1919, o psiquiatra Juliano Moreira expunha suas ideias sobre o tema e acaba por concluir que era preciso “preservar a raça, afastando os anormais da possibilidade de reprodução” e esterilizando os alienados. A perseguição higienista e a visão do negro como produtor de doenças¹⁰ agrava o tratamento da loucura dentro dos manicômios. E com a eugenia, o racismo entrava na sua era científica (COSTA, 1981, p.33).

Num país de forte miscigenação como o Brasil, essas teorias vigoraram por muito tempo, a partir do início do Séc. XX, contaminando setores da psiquiatria que, imbuídos de preconceitos, promoviam um processo de higienização racial, compreendendo os mestiços e mulatos, por exemplo, a parte da população mais suscetível a doenças mentais. Era o pensamento de que a miscigenação trazia doenças: “*Os atributos psíquicos dos indivíduos não brancos, negros, amarelos, mestiços, foram assim considerados patológicos em si, e o único remédio nesse nível era o saneamento proposto pela eugenia*” (COSTA, 1981, p. 35-46).

A antiga Colônia Juliano Moreira (CJM) chegou a ter 7.700 pacientes. Stela do Patrocínio, mulher e negra, foi umas das internas e uma das que sobreviveram ao processo de entorpecimento e aniquilamento característico das estruturas psiquiátricas tradicionais da década de 60, os asilos. O apagamento de qualquer traço de subjetividade, desejo e individualidade a que eram submetidos os pacientes destas instituições reduzia-os a um amontoado de corpos sem rostos e sem formas. O tempo é o tempo da espera pela morte. O trata-

⁹ Juliano Moreira é nomeado o novo diretor do Hospital acional e com ele, a Psiquiatria no Brasil ganha novos contornos. Sob sua influência é promulgada, em 1903, a primeira Lei Federal de Assistência aos Alienados. Em 1905 surgem os “Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins” e em 1907, a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina-Legal. E no período de 1912 e 1920 são inaugurados as Colônias do Engenho de Dentro e a Colônia de Jacarepaguá (Costa, 2006, p. 35).

¹⁰ Para maiores informações, no livro *O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930* (1993), a autora Lília Moritz Schwarcz aborda as questões sobre eugenia e o negro como produtor de doenças.

mento dispensado era baseado no controle dos corpos.¹¹ Foi na década de 80, que a antiga Colônia com o movimento da Reforma Psiquiátrica, passa por transformações no sentido da humanização do atendimento dispensado ao doente mental e do resgate da cidadania. Seus relatos e suas falas são um depoimento sobre o que foi a assistência psiquiátrica nas décadas de 60 até início dos anos 80, num grande manicômio do Rio de Janeiro (AQUINO In: PATROCÍNIO, 2001, p. 14).

É na segunda metade do século XX que começam a surgir movimentos que colocam em questão esse saber psiquiátrico. Dessa maneira, o modelo de assistência psiquiátrica pautado pela hospitalização e o asilamento do doente mental, com o objetivo de atender a segurança da ordem e da moral começava a ser questionado. Surgiram movimentos tanto dos profissionais de saúde quanto dos familiares dos internos, sobretudo denúncias de maus-tratos e da precariedade da assistência prestada, os altos custos pagos aos hospitais pelo governo.

Dentro desse contexto, emerge o Movimento da Reforma Psiquiátrica no Brasil, movimento histórico de caráter político, social e econômico, que vem questionar essa organização e age como estratégia de desmonte do paradigma asilar, começa pelo seu pilar principal, o manicômio. Amarante (1995, p. 91 apud TENÓRIO, 2002, p.27) coloca que a Reforma Psiquiátrica é o *“processo histórico de formulação crítica e prática que tem como objetivo e estratégia o questionamento e a elaboração de propostas de transformação do modelo clássico e do paradigma da Psiquiatria”*.

O processo de desconstrução do modelo asilar implica também em outras práticas de cuidado em Saúde Mental. Assim, a substituição progressiva dos manicômios e do paradigma que o sustenta por outras práticas terapêuticas começa a ser debatidas e estudadas, bem como o direito à cidadania do doente mental e sua inserção na sociedade.

¹¹ Em seu livro *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria* (2002), a autora Vera Portocarrero trata com maiores detalhes as mudanças na psiquiatria brasileira, desde seu surgimento no século XIX até a psiquiatria introduzida por Juliano Moreira e seus contemporâneos no início do século XX e as contribuições de Michel Foucault para entender essas transformações. O controle dos corpos e o poder disciplinar são termos utilizados por Michel Foucault O poder disciplinar é o trabalho constante da norma sobre o indivíduo, sujeitando-o a força da disciplina. É através do controle e disciplina que se forjam corpos dóceis e úteis (sobre a docilidade dos corpos e utilidade dos mesmos).

Com o movimento da Reforma Psiquiátrica, vemos surgir novas tecnologias que dão ênfase ao cuidado, em detrimento da tutela, e que possibilitam um processo de desinstitucionalização e reinserção social pautado pelo protagonismo do usuário dos serviços de Saúde Mental.

A proposta atual da Reforma Psiquiátrica no Brasil tem como objetivo a desinstitucionalização e inclusão do indivíduo portador de sofrimento psíquico nos diferentes espaços da sociedade. O modelo psicossocial vai se estabelecendo em substituição ao modelo asilar. A Política de Saúde Mental é instituída no Brasil através da Lei Federal 10.216/01 e tem como premissa fundamental a desinstitucionalização e humanização da assistência prestada ao portador de sofrimento psíquico.

Para viabilizar a Reforma Psiquiátrica, diferentes estratégias surgem no âmbito nacional e outras se encontram em construção. A reorientação do modelo de assistência deve estar pautado em uma concepção de saúde compreendida como processo e não como ausência de doença, dentro de uma perspectiva de produção de qualidade de vida. E a principal função da Reforma Psiquiátrica é restituir o direito do indivíduo na sua relação com as instituições sociais e, dessa forma, possibilitando a recuperação da contratualidade, considerando sua subjetividade.

Segundo Amarante (1997), a Reforma Psiquiátrica tem produzido transformações em quatro campos bem distintos: campo teórico-assistencial, técnico-assistencial, jurídico-político e sociocultural.

No campo teórico-assistencial, realiza-se a desconstrução de conceitos e práticas sustentados pela Psiquiatria, Psicologia e os *saberes psi* em geral, acerca das concepções de doença mental-cura.

No campo técnico-assistencial, está em construção uma rede de serviços que oferecem espaços de sociabilidade, troca com ênfase na saúde como produção de subjetividades, proporcionando a construção de novos equipamentos, como CAPS, NAPS, Cooperativas Sociais e as Oficinas Terapêuticas, novas tecnologias no cuidado do usuário em Saúde Mental.

No campo jurídico-político, são propostas e implementadas leis municipais e estaduais a favor do tratamento do portador de sofrimento mental. Em âmbito nacional aprovou-se a Portaria 336/GM, que oficializa os CAPS como dispositivos de Saúde Mental Coletiva para efeito de financiamento de suas

ações pelo SUS e mudança do modelo assistencial na perspectiva da atenção psicossocial.

No campo sociocultural, as propostas visam à transformação do imaginário social relacionado à loucura e a doença mental, desmistificando as noções atribuídas de anormalidade e periculosidade, assegurando ao usuário dos serviços de Saúde Mental a contratualidade social e seu lugar de cidadão.

A Reforma Psiquiátrica está pautada na atenção psicossocial que considera a pertinência do indivíduo no grupo familiar e social.

No modelo de atenção psicossocial, o objeto é definido na confluência dos aspectos biológicos, psicológicos, sociais, políticos e culturais. O sofrimento mental não é um fenômeno exclusivamente individual, mas ocorre numa pessoa “em relação”, portanto, o adoecimento e o tratamento necessitam dessa perspectiva sociocultural e política, além da biológica e psicológica. O alvo das ações é uma pessoa em todas as dimensões, com seus vínculos familiares e sociais, e ela é o sujeito principal de todo o processo de tratamento, com direito a voz e participação nas decisões da sua vida e tratamento. Nesse modelo, a equipe trabalha interdisciplinarmente buscando novas formas de sociabilidade para além das relações hierárquicas (OLIVEIRA, 2007, p.698).

Delineia-se, portanto uma nova forma de cuidado e uma rede de serviços substitutivos¹² que se contrapõe ao modelo asilar, com uma proposta no sentido da formação de uma rede de base territorial.

O objetivo do “cuidador” deveria ser menos cuidar e mais incitar o desejo de cuidado, ou melhor, provocar no outro o desejo de cuidar de si. Todavia, é fundamental que se compreenda esse cuidado de si não como um voltar-se para uma interioridade ou como uma valorização das idiossincrasias ou como um culto ao ego ou à solidão. O “cuidado de si”, como nos propõe Foucault (2004), com base no estudo da cultura helenística e romana, implica um exercício ético. O cuidado de si é uma prática social, é uma intensificação das relações sociais. Isto porque o cuidado de si implica o desejo de uma transformação contínua destinada a uma avaliação do que seria melhor ser feito e/ou dito em função das peculiaridades de cada circunstância.

¹² Serviços substitutivos são aqueles que, em virtude da Reforma Psiquiátrica Brasileira, trabalham em uma perspectiva não mais hospitalar, introduzindo outra lógica de trabalho que prioriza a assistência em regime aberto, de forma que o paciente possa estar inserido e transitando no espaço social. Têm como função prestar atendimento a pessoas com severo sofrimento psíquico, em situação de crise, diminuindo e evitando internações psiquiátricas, e articulando-se com a rede de serviços da comunidade favorecendo a reinserção delas neste espaço. Estes serviços foram regulamentados pela Portaria nº 336/GM, de 19 de fevereiro de 2002 e integram a rede do SUS que reconheceu a complexidade de serviços prestados e sua amplitude de atuação, tanto no território onde se encontra, quanto na luta pela substituição do modelo hospitalocêntrico de atenção à saúde (BRASIL, 2002).

cia. Uma “boa ação” não está dada antecipadamente, esta não pode se confundir com uma “boa intenção”. É preciso haver uma distância entre a intenção e a ação que permita uma avaliação, que nos alerte quanto às vaidades, as ambições, as paixões pelo poder. Esse exercício ético envolve uma política, uma política em si. Dito de outra forma, a política de humanização não deveria ser experimentada como uma política estatal, exterior e/ou acima de cada um de nós, mas como uma política de governamentalidade ética, como governo de si (Foucault, 2004). Acreditamos ser este um desafio cotidiano que a política de humanização enfrenta. É nesse sentido que a prática do cuidar precisa constituir práticas de cuidado de si, onde ‘usuários’ e trabalhadores possam tomar ‘posse da vida’, ou melhor, possam inventar possibilidades de vida que escapem ao padecimento, à sujeição, ao vitimar-se (MACHADO; LAVRADOR, 2009, p.516-517).

Para Zanetti (2006), o panorama dos serviços de Saúde Mental, a assistência torna-se parte de um todo, onde se encontram diversos setores (o serviço, o governo, o movimento social, a sociedade, a família, a escola) e que compõem esses vários sentidos em um só (político, cultural, jurídico, trabalhista etc).

É a possibilidade da tessitura, da trama, de um cuidado que não se faz em apenas um lugar, mas é tecido em uma ampla rede de alianças que inclui diferentes segmentos sociais, diversos serviços, distintos atores e cuidadores. A equipe de Saúde Mental pode ser pensada como a mão que urde, porém jamais será a trama. Tecer essa rede de alianças em torno do cuidado é uma das dimensões essenciais do nosso processo de trabalho (YASUI, 2010, p.115).

Dentro desse novo paradigma de atenção psicossocial, encontramos as Oficinas Terapêuticas. Enquanto dispositivos da atual Política Nacional de Saúde Mental, têm como objetivo atividades grupais de socialização, expressão e inserção social, funcionando, dessa forma, como espaço terapêutico e podendo se constituir potencialmente em espaços de convivência de diferenças e singularidades. Com o objetivo de se diferenciar das práticas antecessoras decorrentes da ideia de estabelecer o trabalho alienado como único recurso terapêutico, constituem-se em um espaço de convívio, de criação e questionamentos, possibilitando assim o trabalho com conteúdos emergentes e viabilizando ações terapêuticas que não estejam impregnadas de “manicômios invisíveis”, e que possam operar como espaços de resistência, dando passagem ao processo de desinstitucionalização.

Desinstitucionalizar, dentro dessa perspectiva, é desconstruir os mitos de periculosidade e improdutividade do portador de sofrimento psíquico pro-

blematizando o lugar que ocupa na sociedade. Dentro desse contexto, a assistência prestada ao paciente psiquiátrico começa a se pautar pelo cuidado¹³ e não mais pela tutela. O potencial do cuidado se encontra na possibilidade de protagonismo.

Finalmente, a própria questão das estruturas de cuidado ganha outra abordagem: não se trata de aperfeiçoar as estruturas tradicionais (ambulatório e hospital de internação), mas de inventar novos dispositivos e novas tecnologias de cuidado, o que exigirá discutir a clínica psiquiátrica em suas bases. Substituir uma psiquiatria centrada no hospital por uma psiquiatria sustentada em dispositivos diversificados, abertos e de natureza comunitária ou "territorial", esta é a tarefa da reforma psiquiátrica (TENÓRIO, 2002, p.35).

As Oficinas Terapêuticas apostam no trabalho com grupos. A proposta se pauta pelo trabalho com grupos diversos, nos quais as conexões que se estabelecem não se apresentam apenas entre diferentes pessoas, mas também entre modos de existência diferentes. Dentre as muitas modalidades de oficinas vamos encontrar as Oficinas Literárias, nas quais o trabalho é com a linguagem, seja escrita e/ou falada.

O texto literário permite acesso ao simbólico, ao imaginário, pois veicula uma forma específica de comunicação, que evidencia um uso especial do discurso colocado a serviço da expressão artística, possibilitando assim a produção de subjetividade, o vislumbre do sujeito desatrelado do diagnóstico. A literatura é arte de criar ou recriar textos através da escrita, da linguagem. A literatura (ou as várias linguagens artísticas através da palavra) é uma forma de transgredir ou de transgressão desse controle dos corpos e da subjetividade do portador de sofrimento psíquico, permitindo assim certa plasticidade em relação ao mundo habitado pela loucura e o grupo é o espaço onde essa resistência se materializa. Convocando o leitor ao mundo dos afetos, aqueles que escrevem vão narrando sua história, transformando e lidando com seus conflitos. Ao utilizarmos a literatura, permitimos ao sujeito se apoderar de sua própria história.

¹³ O cuidado, segundo Boff (2002 apud SOUZA, 2004, p. 56), corresponde a um modo de ser no mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas. Abrange mais que um momento de atenção, representando uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. Cuidar das pessoas implica ter intimidade, acolhê-las quando necessário. Portanto, cuidar é mais que um ato, é uma atitude que se opõe ao descuido e ao descaso.

O cotidiano está atravessado pela narratividade ou a dimensão em que as coisas do mundo são significadas, já que as relações e as trocas se dão através da linguagem. A narrativa, em suas mais variadas construções, possibilita novas apreensões do real, a incursão subjetiva que permite ao sujeito refazer a si mesmo, ao criar ou recriar um novo tempo, um novo sentido às suas experiências mais profundas e dolorosas e às próprias fronteiras da existência. [...] As investigações narrativas têm um longo trajeto intelectual e compreendem a forma como nós experimentamos o mundo. Os estudos sobre narrativas incluem uma ampla gama de temas: história oral, contos, folclore, costumes, artes, adivinhações, provérbios, poemas e mitos, dentre outras elaborações. [...] no mundo da linguagem as regras de sentido são construídas pelo autor que pode metaforizar também a(s) loucura(s). Como diz Ricoeur, a linguagem não constitui um mundo ela própria, ela não é sequer um mundo. Se a linguagem não é ela mesma um mundo, ela possibilita, através das narrativas, a criação de mundos e a recriação de nós mesmos (RICOEUR, 1994). Por meio da linguagem, podemos nos livrar dos diagnósticos, dos rótulos, da exclusão e do sofrimento; podemos nos perder e nos achar diferentes (MORAES; MENEGHEL, 2009, p.1306).

É através da narrativa (em função de sua aproximação com a ficção) que esse movimento de reinvenção é possível. Essa permanente reelaboração das experiências, proporciona ao sujeito uma nova oportunidade de se apresentar ao mundo, recontar e reposicionar – se, sob os limites da discordância do destino, do tempo e do desconhecimento de si mesmo.

A partir de experiências em Oficinas de Escrita e Literatura em equipamentos públicos de Saúde Mental, a questão da relação entre loucura, linguagem e literatura surgiu como um problema de pesquisa. Alguns autores foram trazidos enquanto parceiros nessa aventura para pensar essas questões, entre eles Foucault, Blanchot e Deleuze. Pensar esse encontro entre a filósofa-escritora e a “poeta-louca” – o encontro entre Viviane Mosé e Stela do Patrocínio – e como o mesmo pode contribuir para compreender essa relação. Compreender na poesia de Stela como os processos afetivos participam e se organizam, bem como se dá essa relação com a palavra e como através desse movimento ela compõe/constrói uma arquitetura de resistência e o quanto de potência existe nesse movimento de resistência a essa morte simbólica, a violência que é habitar o manicômio.

Problematizar, a partir do pensamento de Blanchot, a questão da apropriação da vida por meio da escrita-linguagem, resistir a essa modulação a partir desse movimento. Palavra é afecção, algo que ao mesmo tempo em que

pode ser moldado, exerce efeito sobre quem a enuncia, num movimento de ressignificação das experiências. Dar outro nome, outra forma, forjar outros movimentos. E se a literatura é o fora, este é neutro e, dessa forma, é possível dar passagem a outros *afetos* e *perceptos*¹⁴.

A linguagem, narrativa e a escrita é o que resiste e possibilita a criação-invenção de um mundo que pode vir a ser habitado. Uma vida possível de ser narrada é uma vida que se afirma. Narrar tem relação com a transmissão de um conhecimento, de como a experiência de si se organiza. Como se deu esse encontro e essa relação entre a Stela e a linguagem que cria. Deleuze (1997) diz que o escritor inventa na língua uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira. Mas que, quando se cria uma outra língua no interior da língua, a linguagem tende para um limite “agramatical”, que se comunica com o seu próprio fora. O limite não está fora da linguagem, ele é o seu fora e que não há narrativa possível que não passe pelo uso da linguagem. Escrever sobre Stela do Patrocínio é dar visibilidade ao acontecimento Stela. É testemunhar em sua escritura, uma linguagem subversiva e uma palavra que derrama, enfim, uma escritura que alcança além dos muros do manicômio e confere a palavra e a obra de Stela eternidade.

Nessa pesquisa não nos interessa uma análise da obra literária, mas um diálogo entre a literatura e loucura. E como a literatura pode se configurar como ferramenta de intervenção no campo da Saúde Mental, a partir da poesia de Stela do Patrocínio.

¹⁴ Para maiores informações, ver: “O que é a filosofia”, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz, editora 34, 2010.

2. METODOLOGIA

Utilizaremos a *genealogia* como referencial teórico, com o objetivo de experimentar suas contribuições no campo da saúde. Entendemos que essa abordagem, dentre outras, pode dar suporte a novos modos de fazer pesquisa qualitativa em saúde se constituindo em uma estratégia de problematização das questões e dos objetos estudados. Para Machado (2001), a genealogia não se interessa apenas por entender como os saberes se transformam ao longo do tempo, mas também por que essas transformações ocorrem, evidenciando as relações de poder subjacentes à produção do saber. A genealogia trabalha a partir da perspectiva histórica da noção de gênese e de descontinuidade. Pensar a gênese não é a mesma coisa de pensar o início, o começo. A gênese remete às condições que possibilitam a emergência, considerando a existência de um campo de forças, de disputa. Foucault (2001), pensando no conceito de gênese, ressalta a diferença entre o que seria uma pesquisa de origem (*Ursprung*) e uma pesquisa da proveniência (*Herkunft*) ou da emergência (*Entstehung*). A pesquisa de origem busca na história a origem ou aparecimento de um determinado objeto, remetendo sua identidade ao seu ponto de surgimento ou até mesmo à pessoa que o criou. Já a análise da proveniência busca não uma identidade ou unidade, mas as marcas sutis, múltiplas e dispersas que remetem à construção do objeto. A pesquisa da emergência também se distancia da pesquisa de origem ao enfatizar as forças presentes em determinado contexto e o modo como elas atuam na produção de um determinado objeto.

Por que Nietzsche genealogista recusa, pelo menos em certas ocasiões, a pesquisa de origem (*Ursprung*)? Porque, primeiramente, a pesquisa, neste sentido, se esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo. Procurar uma tal origem é tentar reencontrar “o que era imediatamente”, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira. Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas há “algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são em es-

sência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras, que lhe eram estranhas (FOUCAULT, 2001, p. 17-18).

A genealogia em Nietzsche lança as seguintes discussões: primeiramente, não existe uma verdade, o que existe são produções sobre a verdade e apropriações das mesmas; segundo, essas produções fazem parte das relações de forças existentes em uma sociedade que faz um ou outro discurso ser considerado verdadeiro; terceiro, o olhar é sempre perspectivista; quarto, as verdades são construídas nas práticas sociais, assim sendo, faz oposição a ideia de que exista uma essência ou uma origem da verdade.

A genealogia em Nietzsche é um método de desconstrução de valores, e da verdade em geral. Mostra-nos que valores são sempre ficções, criações, cabendo assim perguntarmos-nos em nome de que estes são erguidos. O fiel da balança proposto por Nietzsche é a própria vida: estamos criando regras e jogos, valorando as coisas em prol, em termos espinosianos, de um aumento da potência do agir, de pensar e de viver? Ou por uma depreciação da existência tal como ela é, de forma reativa e defensiva? (MARTINS, 2004, p. 953)

De acordo com Abramowicz e Moruzzi (2010), podemos perceber que Nietzsche e posteriormente Foucault (re-significando a genealogia do seu antecessor) procuraram mostrar que a pesquisa genealógica não se trata de uma pesquisa de origem, retratando diversos pressupostos que ajudam a compreendê-la em outra dimensão. Partir em busca da origem é como se existisse algo de puro, de essencial, genético ou hereditário nos fatos e fenômenos a serem pesquisados. Na reconstrução da história, a perspectiva genealógica adotada compreende os fatos e as práticas vividas pelos indivíduos como construções sociais articuladas pelo saber, pelo poder e pelo sujeito, compondo diferentes modos de subjetivação, também por meio das práticas discursivas.

2.1 A genealogia nietzschiana a partir de Foucault e sua contribuição no campo da saúde

A genealogia vem sendo apontada como referencial teórico metodológico em diversas áreas do conhecimento, a partir do campo da filosofia e se configura enquanto um método de interpretação e do conhecimento. Foucault, influenciado pelo pensamento de Nietzsche, parece ter sido o pensador que mais utilizou e expandiu essa perspectiva teórica metodológica. A proposta nietzs-

chiana adotada por Foucault consiste em que se componha uma outra história e esta, por sua vez, operacionalize uma destruição das evidências, fazendo ressurgir o acontecimento no que ele tem de mais singular.

Podemos situar Foucault como um genealogista do poder, do saber e do sujeito, e em seus últimos trabalhos, se dedica a entender as formas pelas quais os indivíduos se tornam sujeitos.

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos quase vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos para tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos (FOUCAULT apud RABINOW & DREYFUS, 1995, p.231).

Dentro da perspectiva de Foucault, os sujeitos são constituídos pelas e nas práticas sociais, nas quais decorrem inúmeras relações de poder, de saber, com diferentes modos de subjetivação. Portanto, o sujeito seria o produto das práticas sociais que se estabelecem por meio das práticas discursivas. E são nessas práticas, discursivas ou não, que a genealogia atua. Assim sendo, trata-se de buscar as forças que atuam e se constituem para que algo possa surgir, mais do que buscar sua origem.

Para Foucault, pode-se entender a arqueologia e a genealogia como partes de um mesmo projeto de insurreição de saberes. A arqueologia seria o método de análise das discursividades locais e a genealogia seria a própria tática interventora por meio da qual se desprendem os saberes “dessujeitados”. Em outras palavras, podemos pensar nas analogias “arquivar” como método que busca mapear e levantar os dados, e depois traçar as gêneses, como método que busca encontrar as gerações de determinados temas/assuntos. Escavar e depois compreender as proveniências e seus efeitos, sendo que estas levam em conta os saberes não antes articulados, como fora dito, os saberes marginalizados por um certo tipo de conhecimento considerado verdadeiro (ABRAMOWICZ; MORUZZI, 2010, p.176).

Segundo Abramowicz e Moruzzi (2010), compreende-se um sujeito constituído pelas práticas, nas quais se estabelecem inúmeras relações de poder, de saber e que são articuladas, também pelas e nas práticas discursivas. Investigá-la na perspectiva genealógica é, portanto, uma forma de entender os discursos que são considerados verdadeiros, bem como entender porque são assim considerados. Trata-se, portanto, de uma investigação que mapeia os discursos, situa-os e, ao mesmo tempo, analisa as relações de poder em determinada sociedade que faz com que certos discursos prevaleçam e outros

sejam apaziguados. Entende-se, nesse sentido, que toda sociedade engendra as práticas discursivas que lhes convém, de tal forma a organizar, selecionar, controlar e distribuir os discursos nelas proferidos, de acordo com os interesses emergentes do momento.

Dessa forma, a investigação na perspectiva genealógica é, portanto, uma forma de entender os discursos que são considerados verdadeiros, bem como, entender porque são assim considerados.

Para analisar as relações entre saber-poder método genealógico, Foucault criou a noção de “dispositivo”, que ele conceituou como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. Portanto, a categoria “dispositivo” é um operador metodológico que nos auxilia na análise das práticas discursivas, de poder e de subjetivação. As práticas discursivas são concebidas como instituições, pois têm uma realidade material e disparam efeitos, tais como: lutas, processos de servidão e dominação; jogo de palavras composto de perigos e de relações de poder, produção de saberes e difusão destes em espaços institucionais, captura das ações em regimes de força, domesticação da multiplicidade em arquivos de uma escrita biográfica e o estabelecimento de relações entre acontecimentos díspares (CARDOSO JR; LEMOS, 2009, p. 355-356).

A proposta dentro da perspectiva da genealogia é de uma metodologia investigativa que observa a descontinuidade, os acasos, os acontecimentos, as experiências, os intempestivos, de tal forma que investiga os ditos e os não ditos, fazendo emergir saberes soterrados pelas malhas do poder e busca compreender os motivos pelos quais certos discursos emergem e outros desaparecem, compondo toda trama discursiva, de tal forma a compreendê-la dentro das relações de força; não procura partir em busca de uma origem ou de uma essência dos valores e das verdades proferidas nas práticas discursivas, mas procura compreender suas condições de emergência, suas transformações, suas apropriações naquilo que é dito ou não.

A genealogia permite o questionamento e a visualização dos efeitos centralizadores que o poder exerce e que atrelam os discursos científicos estabelecidos em nossa sociedade, produzindo um efeito sobre quais saberes devem ser considerados e quais não, definindo uma escala hierárquica e classificatória. Dessa maneira, a genealogia nos permite compreender porque em uma

sociedade elege um saber em detrimento a outro, ou seja, como se dão as condições de emergência de determinado saber em uma dada sociedade.

A genealogia seria, pois, relativamente ao projeto de uma inserção dos saberes na hierarquia do poder próprio da ciência, uma espécie de empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico. A reativação dos saberes locais – “menores”, talvez dissesse Deleuze – contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos de poder intrínsecos, esse é o projeto dessas genealogias em desordem e picadinhas (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Para Martins (2004) existe uma ligação entre a genealogia e a criação de conceitos: a genealogia, ao mesmo tempo em que desconstrói, expande para a construção de novos conceitos, seja porque, ao nos reapropriarmos de conceitos antigos, acabamos atualizando-os, seja porque modelamos os nossos próprios conceitos. Atualizar um conceito como instrumento filosófico-conceitual para a nossa contemporaneidade abre espaço para a possibilidade de pensar questões como as da saúde, psicanalíticas, psicossomáticas e médicas, e, dessa maneira, torna-se assim o passo seguinte a uma desconstrução genealógica. A criação de conceitos, proposição de sentidos outros, serve para lançar uma perspectiva nova a debates nos quais as pessoas tenderiam a estar cristalizadas em suas posições, por não visualizarem outras alternativas. Considera-se hoje saúde, cura, cuidado a partir de uma certa forma e segundo uma certa valoração, mas isso se deve a uma história. É essa história que a genealogia denunciará. Dessa maneira, ao provocar fissuras em algo que se encontra engessado, torna possível que novos conceitos e novos sentidos sejam construídos.

No que diz respeito à genealogia aplicada a temas da saúde, o próprio Foucault realizou estudos genealógicos sobre temas da clínica médica, da medicina social, do hospital, da psiquiatria e da doença mental. Além disso, seus estudos sobre as ciências humanas, a sexualidade e subjetividade servem de subsídio para desconstruções e reflexões sobre aspectos importantes das práticas de saúde, no que o poder e o controle da singularidade se fazem valer por intermédio dos discursos e políticas do que seja e o que não seja saudável e/ou “cientificamente” saudável (MARTINS, 2004, p. 957).

Dessa forma, conforme foi exposto anteriormente, para Foucault o sujeito se configura produto das práticas sociais, que se dão também por meio das

práticas discursivas. E, portanto, é nessas práticas, discursivas ou não, em que a genealogia atua que se pretende visualizar as ressonâncias da experiência literária dentro do campo da saúde.

Para Cardoso (2014), na genealogia o acontecimento histórico é o caminho para o método, e, durante seu percurso, aparecem regimes de visibilidade e de enunciação não abordados pela história oficial, pois é no próprio jogo de forças que os acontecimentos se tornam visíveis e enunciáveis.

Segundo Deleuze (2013b), na construção foucaultiana o saber, o poder e a constituição de si emergem como a tripla raiz de uma problematização do pensamento. Argumenta ainda o autor que esta teoria é um entendimento sobre o pensar, que se constitui, caracteriza e atualiza, principalmente, pela experimentação e problematização. A problematização, em decorrência da indução a novas formas de pensar, remete à produção de modos de subjetivação que atravessam e atualizam os saberes e as relações de poder. E é dentro desse contexto que se pretende investigar as contribuições da literatura no campo da saúde.

A literatura é uma forma de resistência aos códigos linguísticos e à Tradição, e através da leitura, ela possibilita um questionamento das ramificações do poder que nos atravessam. Entretanto, como a sociedade, a literatura sofre restrições e controles que apontam para formas de subjetivação. Então, com a leitura literária podemos observar formas de subjetivação, de normatização, e de controle, através das ramificações de poder, representadas pela cultura de massa, pela crítica e pelo mercado, e também formas de singularização que indicam uma política de questionamento dos microfacismos que nos constituem, possibilitando o surgimento de novas formas de existir (ALMEIDA, 2008, p. 276).

Segundo Deleuze (1990), Foucault concebe os dispositivos como “máquinas de fazer ver e de fazer falar”. As linhas de visibilidade e as de enunciação referem-se ao entendimento de que em cada período histórico, existem distintas maneiras de sentir, perceber e dizer. Pensar, portanto, a literatura e sua relação com a loucura é pensar na resistência aos discursos que “formatam” e achatam a subjetividade. Para Cardoso e Lemos (2009), analisar as relações de poder em seus efeitos, em suas ramificações e positividade, seria um dos objetivos de uma genealogia, pois as relações de poder produzem realidade, fabricam saberes, criam modos de ser.

Quando se fala em práticas no campo da saúde, muitas vezes vinculamos essas práticas às instituições. As instituições dizem de um determinado modo de saber, de um determinado tipo de sujeito que se encontra inserido dentro desse contexto, falam da atuação dos profissionais da saúde e suas práticas, bem como o cuidado produzido e a visão dos pacientes com relação a esse cuidado ou essas práticas. A genealogia como opção metodológica nos permite visualizar as condições de emergência e proveniência de determinados acontecimentos. Pensar a dimensão da genealogia para Foucault é pensar sua formação a partir das práticas e suas transformações, problematizar valores e discursos que se encontram cristalizados.

É pensando nessa prática, como o fazer do homem dentro da história, que a questão do poder aparece como fundamental para se pensar os processos de objetivação e subjetivação, a partir de uma ontologia do presente, ou seja, uma história da atualidade. O fazer genealógico não se atrela à extração de uma verdade tal como essência nem descobri-la, escondida por trapaças e armadilhas. Ao contrário, permite demarcar a singularidade de cada acontecimento e a raridade das práticas, às quais produzem os objetos dos quais falam. Os saberes foram inventados e possuem uma história, são dispersos e as relações forjadas entre eles sempre é da ordem do arbitrário de qualquer interpretação (LEMOS, SILVA, GALINDO e MENDES, 2015, p. 216).

As instituições nos remetem a um determinado campo do saber, perpassam a vida e a constituem a cada instante. As modificações no campo do saber e das práticas no âmbito da saúde, os modos de cuidado produzidos nesses espaços vêm sendo pensados de diferentes maneiras, assim como os serviços que se propõe a cuidar dos sujeitos que utilizam os mesmos.

Nesta pesquisa buscaremos problematizar as relações entre loucura, linguagem e literatura a partir do encontro com a vida e a obra de Stela do Patrocínio. Este encontro se fez na escuta de uma linguagem e sua criação revelando a possibilidade de criar visibilidade para uma experiência até então incommunicável. A genealogia nos ajudará a compreender as condições de possibilidade de que essa experiência e esse encontro se tornem visíveis e dizíveis.

3. STELA DO PATROCÍNIO: CRONOLOGIA E POESIA



3.1. O estudo do tempo ou datar acontecimentos

Eu vim para a Colônia porque eu estava andando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, com um óculos, vestido azul, sapato preto, com uma bolsa branca com um dinheirinho dentro, porque eu ia pegar o ônibus e ia saltar na Central do Brasil, na Central do Brasil eu ia tomar uma refeição, ia tomar um ônibus na Central do Brasil que ia pra Copacabana, ia chegar em Copacabana, aí eu peguei o carro ainda na Rua Voluntários da Pátria com o Luís, ao lado do Luís, o Luís foi ao bar, eu estava ao lado do Luís, caminhando ao lado do Luís na Rua Voluntários da Pátria, caminhando na Rua Voluntários da Pátria ao lado do Luís, o Luís entrou no bar, sentou na cadeira, tocou na mesa, falou com o dono do bar pra aprontar pra ele uma Coca-Cola e um pão de sal com salsicha, ele tomou a refeição sozinho, não pagou pra mim, nem eu pedi, nem eu disse nada, nem tomei dele, nem eu pedi a ele pra pagar pra mim, aí ele tomou, quando ele acabou nós saímos, eu perdi o óculos, perdi o óculos, perdi o óculos que estava comigo, um óculos escuro, parecia que ele tinha me dado um bofetão na cara pra mim perder o óculos, o óculos pulou no chão, na Rua Voluntários da Pátria, eu caí por cima do óculos e o óculos e eu ficamos

no chão, aí veio, aí veio uma velhinha, na porta do apartamento dela, me levantou, disse que não tinha sido nada, pra mim parar de ficar chorando, aí veio uma dona e me botou pra dentro do Posto do Pronto Socorro perto da Praia de Botafogo, e lá, eu dentro do Pronto Socorro, ela me aplicou uma injeção, me deu um remédio, me fez um eletrochoque, me mandou tomar um banho de chuveiro, mandou procurar mesa, cadeira, cadeira, mesa, me deu uma bandeja com arroz, chuchu, carne, feijão, e aí chamou uma ambulância, uma ambulância assistência e disse: “carreguem ela”, mas não disse pra onde, “carreguem ela”,... ela achou que tinha o direito de me governar na hora, me viu sozinha, e Luís não tava mais na hora que o óculos caiu, eu não sei pra onde ele foi, porque eu fiquei sozinha, ele sumiu de repente, desapareceu e não apareceu mais, mas aqui, depois que eu estou aqui, ele já veio aqui, já veio aqui, já foi embora, tornou a vir, tornou a ir embora, o Luís, o Luís é meu amigo, aí me trouxeram pra cá, mandou: “carreguem ela”, na ambulância, “carreguem ela”, carregaram, me trouxeram pra cá como indigente, sem família, vim pra cá, estou aqui como indigente, sem ter família nenhuma, morando no hospital, estou aqui como indigente, sem ter ninguém por mim, sem ter família e morando no hospital (PATROCÍNIO, 2001, p.48-49).

O trecho acima faz parte do livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001), organizado pela pesquisadora, poeta e filósofa Viviane Mosé.¹⁵ O livro é uma transcrição da fala de Stela do Patrocínio, feita a partir das gravações em fita cassete realizadas quando da participação da autora no ateliê artístico e/ou de ensino de arte que acontecia na Colônia Juliano Moreira. Os detalhes serão comentados e trabalhados no decorrer desse texto.

Nessa passagem, em particular, Stela do Patrocínio relata os acontecimentos de sua primeira internação. E é sobre esse momento da internação, que Stela faz sua única tentativa de narrativa.¹⁶ Todas as outras falas de Stela, que foram registradas e transcritas, estruturam-se de uma outra forma, que é classificada a partir dos estudos literários como “fluxo de consciência”¹⁷ ou lin-

¹⁵ Viviane Mosé é capixaba, com formação em psicologia, é poetisa, filósofa e psicanalista, formada pela Universidade Federal do Espírito Santo, onde também se tornou especialista em elaboração e implementação de políticas públicas. É mestre e doutora em filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Organizadora do livro *Stela do Patrocínio – Reino dos bichos e dos animais é meu nome*, publicado pela Azougue Editorial em 2001, indicado ao prêmio Jabuti de 2002, na categoria Psicologia e Educação. Publicou em 2005, sua tese de doutorado, *Nietzsche e a grande política da linguagem*, pela editora Civilização Brasileira.

¹⁶ Nesse momento Stela faz o relato de uma cena, descrevendo o dia de sua internação. Narrativa dentro desse contexto é no sentido de contar uma história, descrever os acontecimentos e/ou narrar os fatos.

¹⁷ O fluxo de consciência, na acepção de Bowling, é expressão direta dos estados mentais, mas desarticulada, em que se perde a sequência lógica e onde parece se manifestar diretamente o inconsciente. Trata-se de um “desenrolar ininterruptos de pensamentos” das personagens ou do narrador. Em literatura e/ou a teoria da literatura, classifica-se como uma técnica literária de escrita, usada por diversos autores, como Marcel Proust, James Joyce, Virgínia Woolf, William Faulkner, Clarice Lispector, entre outros. Esta forma parece ter sido criada por Edouard Dujar-

guagem em fluxo. É nesse momento do relato da internação que Stela faz uma tentativa de articulação linear dos acontecimentos no interior da linguagem, encadeando certa cronologia dentro da narrativa. Todo relato pressupõe uma temporalidade, portanto uma linearidade.¹⁸ Na transcrição das outras falas de Stela não se verifica essa característica. Mais adiante, voltaremos a esse tema para falar sobre a produção linguageira¹⁹ de Stela do Patrocínio, e como esse fluxo de consciência aparece na sua poesia, principalmente a relação entre essa linguagem em fluxo e a literatura de testemunho.

Stela do Patrocínio, nascida em 9 de janeiro de 1941, foi internada pela primeira vez aos 21 anos, em 1962, no Centro Psiquiátrico Pedro II,²⁰ no Engenho de Dentro, que fica no estado do Rio de Janeiro, diagnosticada com “personalidade psicopática mais esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas”. Em 1966, foi transferida para a Colônia Juliano Moreira, estado do RJ, onde permaneceu por quase 30 anos, sem nunca ter saído de lá. Faleceu em 1992. A biografia de Stela ainda possui muitas lacunas, sendo que alguns dados não puderam ser confirmados.

Pouco se sabe de seu passado:²¹ que nasceu em 9 de janeiro de 1941, filha de Manoel do Patrocínio e Zilda Xavier do Patrocínio. Que tinha residência em Botafogo e que Reinaldo do Patrocínio, seu sobrinho, era responsável por ela. O endereço deste sobrinho - que constava em sua ficha, mas não pôde ser confirmado - era Estrada da Gávea, 460, e se localizava na Rocinha. E que

din, em 1888, com *Les lauriers sont coupés*. Anos depois, em 1931, o mesmo autor publica uma brochura em que tenta teorizar essa prática, definindo o recurso que deu nome de “monólogo interior”, título que também deu a seu livro. Podemos visualizar o fluxo de consciência, como uma tentativa de escrita que simula uma ordem – ou desordem – dos pensamentos, utilizando-se para isso da quebra das regras gramaticais. É considerado um estilo de escrita. Para maiores informações, ver o livro de Ligia Chiappini Moraes Leite, *O foco narrativo (ou a polêmica em torno da ilusão)*, de 1985, editora Ática.

¹⁸ Linearidade da narrativa e/ou da escrita tem relação com a forma de pensamento baseado na razão, na racionalidade. É um modo de raciocínio silogístico, no qual o pensamento se desenrola obedecendo um encadeamento temporal e a lógica gramatical. Todo relato pressupõe continuidade e descontinuidade, sendo que não é possível suprimir o tempo da narrativa.

¹⁹ Daquilo que é relativo à linguagem

²⁰ Nise da Silveira, psiquiatra, Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro (RJ). Apesar de Stela se encontrar como interna no ano de 1962, não existe relatos de ter participado das oficinas artísticas de Nise da Silveira.

²¹ O pouco que se sabe foi recolhido por Mônica Ribeiro de Souza, estagiária de psicologia que transcreveu pela primeira vez a fala de Stela para o papel. Foram entrevistadas ainda as artísticas plásticas Neli Gutmacher e Carla Guagliardi, que gravaram as conversas de Stela em 1984, além de seu médico, o Dr. Pedro Silva, para fins de recolher todas as informações para compor a apresentação do livro organizado por Viviane Mosé sobre a poesia de Stela do Patrocínio.

este mesmo sobrinho visitou Stela por um tempo, mas depois desapareceu. Stela se dizia solteira e mencionou ter duas irmãs, Ruth e Olívia, já falecidas, e um cunhado, marido de Olívia e pai dos três sobrinhos: Reinaldo, Cosme e Eduardo. Constava que sua mãe foi uma das internas do Núcleo Teixeira Brandão e que conseguiu sair antes que a filha desse entrada naquele hospital. Dizia ter instrução secundária e ser doméstica na Urca, na mesma casa onde a mãe enlouqueceu e que, quando visitava sua mãe, conduzida pelo motorista da patroa, levava doce e fumo. Do pai nada dizia (MOSE In: PATROCÍNIO, 2001, p. 20-21).

Em suas palavras, era “sem família/ minha família é dos cientistas agora”.

Você nasce sempre
 Tem seus herdeiros e seus hereditários todinhos
 Tem sua família
 Eu não tenho mais família
 Minha família toda já morreu
 Tô na família do cientista
 (PATROCÍNIO, 2001, p.121)

Stela do Patrocínio passou a maior parte de sua vida internada na Colônia Juliano Moreira, uma instituição psiquiátrica. Relatos de pessoas que conviveram com ela enfatizam que não perdia a lucidez, cuspiam os psicotrópicos e só era medicada quando ameaçava se jogar da janela. Consta que ficava bem sem a medicação.

Entre os anos de 1986 e 1988, a artista plástica Neli Gutmacher, professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, e seu grupo de alunos, foram convidados pela psicóloga Denise Corrêa, que era a coordenadora do Núcleo Teixeira Brandão, que fazia parte da Colônia Juliano Moreira, para montar um ateliê de artes. Esse ateliê, que não tinha fins terapêuticos, mas de ensino de arte, começou a funcionar no pavilhão de mulheres, o Núcleo Teixeira Brandão. Stela do Patrocínio frequentava esses ateliês e participava das atividades propostas.

Quando Stela conheceu o pessoal do ateliê, tinha 45 anos e nenhum dente na boca. Eles a chamavam de “filósofa e poeta”, ao que de pronto respondia “quem me dera”, pois Stela nunca se pretendeu nem uma coisa, nem outra. Depois de 30 anos de internação, teve a perna amputada em função de

uma hiperglicemia grave. Desse momento em diante, Stela acaba ficando muito triste, parando de comer e de falar. Stela morreu em 1992, de infecção generalizada em função da ferida que não cicatrizou, aos 51 anos de idade (AQUINO In: PATROCÍNIO, 2001, p. 21).

Dr. Itale COLÔNIA JULIANO MOREI

NUCLEO: TEIXEIRA BRANDÃO - n° 4340

00694 MATRÍCULA DO DOENTE

Nome: STELA DO PATROCÍNIO

Filiação: Faleceu B/M/M/R 29 20/10/92

Idade 21 Anos Côr Preta Classe

Nacionalidade Bras. - GB. Naturali

Estado civil Solt. Profissão Dom.

Entrada no Hospital 15/8/62 Entrada na Colônia 3-3-66

Internante Cf. n° 70 de H.O. Galletti *doente*

Residência da família do responsável Rua Maria Eugenia
50 apt° 401 - Betafaze


Pavilhão 2a seção Diagnóstico P.P.c/Esq. Hab.f. 8 A
(evoluindo sob R. psic.)

NOTAS

Deu la ent. transf. de H. O. Galletti em: 3-3-66.

Transf. p/o C.P.P.II. em: 04/01/80. Regr. em: 23/01/80.

FICHA PARA LOCALIZAÇÃO DE DOENTES (MULHERES) D. M. S.



Durante o desenvolvimento do trabalho no ateliê de artes, Stela do Patrocínio acabou estabelecendo uma ligação com a artista Neli Gutmacher e com a então estagiária Carla Gaguillard, que se impressionaram com sua presença e seu modo de falar: “Negra, alta, sem nenhum dente na boca, de postura muito soberba, muito segura, e de uma inteligência abissal”. Como relembra Guagliardi, Stela desde o início começou a frequentar o ateliê de artes e as reuniões. No entanto, os materiais propostos não chamavam sua atenção (materiais para desenho e pintura em geral) e, quando desenhava, o que não era comum, eram coisas quase minimalistas, que se assemelhavam à escrita. Diferente dos demais pacientes, suas produções giravam em torno da palavra e Stela parecia não ter outro interesse. Rabiscava alguns traços e sempre que tinha oportunidade gostava de ficar conversando e expressando suas ideias: “Às vezes ela nem entrava, ficava do lado de fora, falando sozinha, e a gente

que ia lá conversar com ela”, lembra Nelly Gutmacher. Segue um dos relatos de Stela transcritos sobre essas memórias, sobre um destes momentos:

Nós estamos sentados numa cadeira procurando mesa
 Procurando falatório
 Procurando gravar o falatório todo
 E eu antes não sabia de nada disso
 Não tinha uma noção uma ideia
 Do que era isso tudo
 Não tinha
 Aprendi quando vocês vieram me visitar
 (PATROCÍNIO, 2001, p.138)

Durante um período de dois anos, artistas e internas conviveram e dessa interação resultou uma produção artística que acabou sendo exposta. Em uma de suas falas transcritas, Stela retrata o pavilhão onde estava internada, o Núcleo Teixeira Brandão.²² Segue abaixo o trecho.

A realidade é esta folha
 Este banco esta árvore
 Esta terra
 É este prédio de dois andares
 Estas roupas estendidas na muralha
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 112)

O que chamava a atenção em Stela era sua fala. E essa maneira que tinha de estar naquele lugar, ocupar o espaço e se fazer presente, acabou sensibilizando a artista plástica que impressionada gravou essas falas em fitas cassete. Em 1988, aconteceu a exposição “Ar subterrâneo”, montada no Paço Imperial do Rio de Janeiro, com todos os trabalhos desenvolvidos nas oficinas artísticas da Colônia e organizados pelas artistas envolvidas. As produções de Stela estavam presentes: as falas de Stela foram transcritas em pequenos quadros e expostas juntamente aos demais trabalhos. Stela se encantava pela palavra (MOSÉ In: PATROCÍNIO, 2001, p.1).

Stela do Patrocínio chamou atenção por sua singularidade, naquele lugar uniforme. Diferenciava num silêncio agudo, sua forma própria de se colocar no espaço. Impossível era não vê-la [...] Algumas vezes escrevia em papelão, frases ou números. Mas o que realmente diferenciou Stela no grupo foi sua fala [...] Em sua fala desconcertante,

²² A Colônia Juliano Moreira era dividida em dois pavilhões, a ala masculina que era o Núcleo Franco da Rocha e a ala feminina que era o Núcleo Teixeira Brandão. Stela do Patrocínio era interna no Núcleo Teixeira Brandão.

incisiva, cada sílaba era pronunciada com gosto (MOSÉ In: PATROCÍNIO, 2001, p. 20).

3.2 O encontro entre a loucura, a literatura e a filosofia: Viviane Mosé encontra Stela do Patrocínio.

Hoje eu sei que Stela do Patrocínio escreveu de seu próprio punho algumas coisas. Ela gostava de escrever em papelão. Mas estes escritos não foram encontrados. O mais perto que pude chegar das palavras de Stela foi com a audição de duas fitas cassete, contendo gravações de conversas realizadas entre ela, a artista plástica Neli Gutmacher e a então estagiária Carla Guagliardi. Foi destas duas fitas cassete, gravadas entre 1986 e 1988, e que se encontravam sob os cuidados de Carla Guagliardi na Alemanha, onde mora atualmente, que saiu a maioria dos textos aqui impressos. Outra fonte foi o trabalho realizado em 1991 pela então estagiária de psicologia Mônica Ribeiro, que novamente a partir de uma iniciativa da psicóloga Denise Correia, transcreveu para o papel algumas falas de Stela, material que ficou arquivado no então Museu Nise da Silveira, hoje Museu Bispo do Rosário (MOSÉ In: PATROCÍNIO, 2001, p.18)

Em função das pesquisas que Viviane Mosé vinha desenvolvendo em sua tese de doutoramento foi convidada, pelo então Museu Nise da Silveira, para um trabalho no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. O trabalho, que inicialmente tinha como proposta ser voluntário e se restringia a organizar o material escrito pelos pacientes em uma publicação, e realizar oficinas literárias com os internos, acaba ganhando outros contornos. Viviane Mosé acaba entrando em contato com a produção artística de Stela do Patrocínio.

Ao iniciar esse trabalho com os textos dos internos, Mosé percebeu que a maior parte dessas produções evidenciava uma tentativa do autor de manifestar-se pela palavra, tanto sua interioridade quanto sua subjetividade, o que parecia compreensível, “dadas as condições fragmentárias de um psiquismo que procurava se reunir”. Mas, ainda segundo Mosé, à medida que a expressão parecia ajudar o paciente a se organizar, o discurso perdia-se em poesia: “o discurso do louco se mantinha em sua fragmentação delirante, e escorria como um líquido derramado, ou este discurso se circunscrevia em limites subjetivos bastante rígidos e muito pouco poéticos” (MOSÉ In: PATROCÍNIO, 2001, p. 17). Entretanto, Mosé acaba se deparando, durante sua pesquisa, com as produções languageiras de uma das internas, que é Stela do Patrocínio.

Com Stela era diferente, ela parecia capaz de se organizar nesse limite, nessa tensão entre ordem e ausência de ordem. Sua palavra é capaz de se manter sem se sustentar, necessariamente, nos limites subjetivos, gramaticais e lógicos, ou seja, não é exatamente este tipo de ordenação que sua linguagem ou seu psiquismo buscava. Ousaria dizer que Stela se sustentava em uma ordenação delirante, uma ordenação móvel, fundada na afirmação de sua própria fragmentação. A palavra lhe parecia muito íntima, muito próxima [...] Stela era capaz de lançar um olhar sobre a condição asilar e, ao mesmo tempo, dimensionar esse olhar em uma interpretação do que seria a condição humana: uma fala atravessada por outras falas. Stela falava de sua condição como quem se vê de fora, o que quer dizer se desdobrar, ou seja, produzir uma dobra sobre si mesma (MOSÉ In: PATROCÍNIO, 2001, p. 24-25).

Foi a partir desse contato de Viviane Mosé com a fala de Stela do Patrocínio (gravada ou transcrita), que se desdobrou num encontro que ocorreu no final dos anos 90, que o discurso poético de Stela começaria a despertar interesse e ganhar legitimidade. O trabalho voluntário proposto inicialmente, entretanto, não pôde ser concluído, e uma das razões para isso foi a dimensão que as produções de Stela adquiriram na tarefa que vinha sendo desenvolvida (MOSÉ In: PATROCÍNIO, 2001, p.23).

O trabalho inicial, pela impossibilidade, ganha novos contornos, e Viviane Mosé passa a registrar, transcrever e estudar a linguagem poética de Stela. Em 2001, pela editora Azougue, em parceria com o Museu Bispo do Rosário, é publicado, sob o gênero de poesia *Reino dos Bichos e dos animais é o meu nome*. Essa obra é atribuída a Stela do Patrocínio. Stela, no entanto, não se reconhecia nem autora e nem poetisa.

Uma outra questão, que a mim parece importante ser explicitada, diz respeito à intenção desta publicação. A qualidade do texto sempre me pareceu justificar uma publicação, no entanto, não é o valor literário que justifica publicar Stela. Muito antes, esta publicação quer partir de uma constatação: a de um discurso que ultrapassou os muros da instituição. Todos nós sabemos o que são esses muros e o que significa ultrapassá-los, principalmente se utilizando da palavra que, como nos mostrou Foucault, foi o primeiro domínio de exclusão da loucura (MOSÉ In: PATROCÍNIO, 2001, p.31).

Com uma publicação póstuma, que tem origem nas falas de Stela que foram gravadas e transcritas, provenientes das entrevistas realizadas nas oficinas de arte realizadas na Colônia, os poemas de Stela ganham repercussão fora dos muros do manicômio. Aparecendo no mundo inicialmente como fala, que não se desprega do corpo, e não texto escrito, o discurso de Stela foi edi-

tado e transcrito em versos para publicação. Finalista do Prêmio Jabuti, o livro foi reeditado em 2009, e atualmente está esgotado. O discurso de Stela, recluso por trinta anos em instituições psiquiátricas, ultrapassou os limites da materialidade do livro, alçando a dimensão de obra, o que lhe confere um lugar de eternidade e compartilhamento comum. Foi para o teatro em 2003, com o espetáculo musical *Entrevista com Stela do Patrocínio*, de Lincoln Antonio e Ney Mesquita. E para o cinema em 2008, com o filme *Stela do Patrocínio: a mulher que falava coisas*, de Márcio de Andrade. Sobre a questão da publicação em livro das falas de Stela do Patrocínio, Viviane Mosé pontua:

A primeira coisa que é preciso ressaltar, em relação à presente publicação, é que se trata de uma transposição: o que foi uma fala aparece aqui como escrita. Trata-se de dois universos distintos e que permaneceram distintos. Não apenas porque desconhecemos o que Stela teria escrito, já que escrever respeita a um outro tipo de estruturação da linguagem, como também porque, ao transpor essa fala para a escrita, não estaremos reproduzindo o que ela disse. A fala não pode ser desvinculada do som, da tonalidade, da musicalidade que a acompanha. Principalmente em se tratando de Stela, que falava de uma forma muito própria; suas palavras, extremamente bem pronunciadas, eram sempre carregadas de muita emoção. Essa força interpretativa o texto impresso não pode ter (MOSE In: PATROCÍNIO, 2001, p.19-20).

A obra de Stela do Patrocínio é performática, implica as palavras e a forma de dizê-las: tonalidade, ritmo, andamento e pausas. Essa intensidade de Stela o texto impresso não consegue expressar.

3.3 A poesia de Stela do Patrocínio – linguagem, literatura como transgressão e cuidado de si

Mas o que é escrever a partir do que as pessoas têm para nos contar? A pesquisa é rizomática e o trabalho do pesquisador é acompanhar esse movimento. Como produzir uma escrita poética que diz da vida e da experiência da dor e do sofrimento de quem vive no manicômio a partir de uma escrita científica, acadêmica compondo um grande arranjo? O pesquisador nunca está só na escrita do texto, pois essa escrita também é composta de muitos, de múltiplos.

Para pensar o conceito de multidão, partimos da proposição de Negri e Hardt,²³ no qual multidão é um conjunto de singularidades que age, cria e transforma. E é nesse movimento de escrita e reescrita, de criação e transformação, que a pesquisa e o pesquisador vão formando um arranjo, uma grande composição em torno das palavras de Stela. Então escrever sobre esse encontro com a produção artística de Stela é me encontrar com essa linguagem como experimentação e vivência que Stela nos comunica e com a própria Stela, sua vida e sua potência. Uma vida narrável é uma vida que se afirma. Ao encontrar uma forma de narrar suas experiências, Stela se dá conta do desconhecimento de si. Friedrich Nietzsche (2011), em seu livro *Assim falava Zaratustra*, pontua “onde encontrei vida, encontrei vontade de potência”.

A partir disso, se coloca a necessidade de pensar como se deu esse encontro e essa relação entre a linguagem e Stela, entre a pesquisadora e a linguagem de Stela.

Stela fala. Ela não escreve.

A forma como Stela organiza sua fala, esse procedimento com a linguagem, é a forma como ela se inscreve no mundo, como deixa um registro de sua presença, como deixa rastros. Esse movimento é muito interessante, porque uma das características da instituição manicomial é justamente o silenciamento, a exclusão e o apagamento do sujeito. Com relação a esse registro, essa inscrição da fala de Stela vamos utilizar pontualmente, a noção de escritura presente na teoria de Derrida,²⁴ a qual permite não separar a escrita da fala.

É através de seu “falatório”, matéria bruta e em fluxo, que Stela dá consistência e materialidade a sua experiência dentro da instituição manicomial. Zona de contaminação entre escrita e a vida.

²³ Esse conceito de multidão vamos encontrar no livro *Multidão: guerra e democracia na era do Império* dos autores Michael Hardt e Antonio Negri.

²⁴ Derrida não separa a escrita da fala. Na tradução brasileira da obra de Derrida, o termo “écriture” foi traduzido por “escritura”. Alguns comentadores da obra de Derrida escolheram utilizar o termo “escrita”, por uma proximidade com a ideia de escrito e texto. Nesse trabalho, vamos utilizar o termo “escritura” para se referir às produções artísticas de Stela. Para mais detalhes sobre esse conceito em Derrida, ver o livro *Gramatologia* (2006). Ainda com relação a esse tema temos o artigo “A escrita de Derrida: notas sobre o modelo freudiano de linguagem”, da autora Cláudia Braga Andrade, publicado na Revista de Psicologia da USP, ano de 2016, volume 27, número 1, p. 96-103. A autora pontua “A escrita não se refere somente a inscrição, mas à possibilidade de inscrição. Nesse sentido a escrita não é um derivado gráfico, posterior a fala, mas a possibilidade de articulação entre fala e escrita”. O texto está disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v27n1/1678-5177-pusp-27-01-00096.pdf>

Eu estava com saúde
 Doeci
 Eu não ia adoecer sozinha não
 Mas eu estava com saúde
 Estava com muita saúde
 Me adoeceram
 Me internaram no hospital
 E me deixaram internada
 E agora eu vivo no hospital como doente
 O hospital parece uma casa
 O hospital é um hospital
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 51)

Em seu livro *O arco e a lira* (2012), Octavio Paz pontua que a linguagem nasceria do ritmo e que “não existe nada mais evasivo e indefinível do que o poético”.

Essa linguagem que Stela cria pode capturar o poético. Stela fala e a fala de Stela produz um efeito poético. A arte não é capaz de nos livrar da experiência do trágico, ela não nos salva nem da morte e nem da fatalidade, mas é capaz de trabalhar em outros domínios. Ela nos oferece a possibilidade de contar nossas dores, nossos sofrimentos e nesse sentido forjar ferramentas que nos ajudam a lidar com esse sofrimento. Stela consegue trabalhar suas dores através de seu “falatório”. É pela palavra que dá significado a sua existência.

Eu não trabalho com a inteligência
 Nem com o pensamento
 Mas também não uso a ignorância
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 62)

Em *História da loucura* (2002), Foucault associa loucura à desrazão. Portanto, “enlouquecer” a linguagem não é propriamente ultrapassar as fronteiras da razão, mas atravessar triunfante as fronteiras da desrazão.

É essa concepção da loucura como linguagem ou, mais precisamente, como linguagem que transgride as leis da linguagem, que é signo vazio, sem sentido, sem fundamento, que permite a Foucault, para além de toda oposição, aproximar obra e loucura. A ideia é que assim como a loucura rompe com os limites instaurados pela razão, situa-se do outro lado da separação, a obra literária moderna põe em questão o limite a que ela é impelida a obedecer pelo fato de ser obra, de ser obra de razão. Vê-se como o elemento a partir do qual é estabelecida a relação entre a obra e a loucura é o limite. A questão da literatura moderna – que é essencialmente uma questão de linguagem – é de como ultrapassar, transgredir, contestar o limite da obra, da razão, do sentido. A experiência literária da linguagem se é uma experiência trágica, radical, é transgressora com relação à obra: subverte, contes-

ta, ameaça a obra, fazendo-a ir além dos limites estabelecidos (MACHADO, 2005, p. 42).

Stela do Patrocínio não é mais uma louca que fala “Eu sou Stela do Patrocínio, bem patrocinada” (PATROCÍNIO, 2001, p.59). Nesse momento, seu corpo toma forma, a palavra ganha materialidade, e Stela, singularidade. Mas ela sabe sobre a impossibilidade e de sua condição de interna de uma instituição psiquiátrica. Se a linguagem da loucura é interdita, logo a linguagem comunica o nada, mas Stela consegue comunicar ²⁵ algo, uma experiência. Stela se lança a esse “fora”, mas não fica presa, ela retorna. Não é uma experiência de ruptura, mas de descontinuidade, na qual Stela administra essa tensão, e isso podemos perceber nas suas escrituras, e é isso que diferencia suas produções artísticas. Stela não se sujeita ao que está estabelecido, ao lugar que o discurso psiquiátrico lhe reservou. Se o discurso psiquiátrico silencia a loucura e encerra nos muros do manicômio, a voz de Stela liberta através de sua escritura, anuncia e assim autoriza o mesmo discurso que um dia a desautorizou. É a voz que consegue transpor, a produção de uma escritura que cria ressonâncias. Com relação ao comentário mais acima *atravessar triunfante as fronteiras da desrazão*, é esse exato movimento de se lançar ao fora e retornar. No capítulo sobre a experiência limite ou a experiência do fora, vamos esclarecer melhor essa questão.

Meu nome verdadeiro é caixão enterro
 Cemitério defunto cadáver
 Esqueleto humano asilo de
 Velhos
 Hospital de tudo quanto é doença
 Hospício
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 118)

Partindo de um pensamento nascido em Nietzsche, Foucault entra na problemática da linguagem a partir da noção de experiência ²⁶. O lugar da linguagem não é o do sentido, mas, ao contrário, o da experimentação do vazio,

²⁵ Comunicar ou comunicação ao longo do texto não será usado no sentido de transmitir uma verdade, mas no sentido de deixar passar, dar passagem a experiência.

²⁶ O conceito de experiência é um dos conceitos presentes no pensamento de Michel Foucault. Encontramos em *História da Loucura* (2002), onde aparece com “experiência clássica da loucura”; na *História de Sexualidade*, onde a expressão surge como “experiência moderna da sexualidade” e a que nos interessa que é a “experiência limite”, que vai surgir na coleção *Ditos & Escritos I – Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise* (2011).

da ausência. E é com essa experiência de linguagem que nos deparamos com as produções artísticas de Stela, de desconstrução dessa linguagem linear, do sujeito da razão.

Nossa forma de pensamento é baseada – modelo de pensamento - no pensar do sujeito cartesiano (“eu não sinto, eu penso”), que preza pela racionalidade, pela razão. Encontramos um dos comentários de Viviane Mosé acerca dessa questão abaixo:

O olhar de Stela é um olhar que, despojado das conexões conceituais, vê a materialidade em seu desdobramento próprio. Na medida em que se desdobra como corpo, como sujeito, ela se desdobra como olhar, um olhar desvinculado da linearidade cotidiana. Ao falar, ao configurar em palavras esse olhar, Stela localiza, produz forma, ao mesmo tempo em que toma forma. Mas Stela não se fixa em uma configuração, ao contrário, ela é a encarnação de um fluxo incessante de formas. Stela está no tempo, sua palavra nasce do mesmo modo como nasce seu corpo: do espaço vazio, do tempo e dos gases, nasce cabeça, nariz, boca e falatório (MOSE In: PATROCÍNIO, 2001, p. 22).

Viviane Mosé, em sua tese de doutorado, que deu origem ao livro *Nietzsche e a grande política da linguagem* (2005), leva-nos a um debate sobre a experiência de linguagem como uma desconstrução da linguagem do sujeito da razão, do pensamento linear e do próprio fundamento moral da linguagem, presente tanto no signo como na lógica gramatical, ou como diz Nietzsche, “de um sujeito que não passa de um hábito gramatical, o sujeito do conhecimento”.²⁷ É justamente com essa experiência de desconstrução dessa linguagem que vamos nos deparar nas produções artísticas de Stela do Patrocínio.

É esta questão que move Bataille em *A experiência interior*, e Blanchot em *O espaço literário*, mas é com Nietzsche e o círculo vicioso, de Klossowski, que esta temática retomada por Foucault é relacionada, explicitamente, à herança nietzschiana. Klossowski discute a abordagem de Nietzsche sobre um pensamento destituído de sentido, de finalidade, de causalidade, de sujeito, um pensamento que, ao contrário da linearidade causal do tempo, destituído da identidade ordenadora do sujeito, tem, na concepção do eterno retorno, no signo do círculo, a possibilidade de dobrar-se sobre si mesmo, de pensar a si mesmo. São essas difíceis e enigmáticas questões que Michel Foucault vai discutir usando a literatura moderna como referência (MOSE, 2005, p. 18).

²⁷ Para mais detalhes, ver o livro *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, de F. W. Nietzsche, organização e tradução de Fernando de Moraes Barros, Editora Hedra, 2007.

No lugar de uma linguagem que se origina da necessidade psicológica de exclusão das diferenças, da vontade de uma homogeneidade e do medo da pluralidade e do conflito, vemos emergir uma linguagem que parece girar em falso, descontínua e destituída de sentido e que, talvez por isso mesmo, atinge uma potência poética inesperada. A linguagem de Stela do Patrocínio destoa daquele lugar, pois seu “falatório” vibra.

O que se pretende esclarecer é que essa linguagem, que se encontra tanto no próprio signo²⁸ como na lógica gramatical, sustenta uma negação da vida, um engessamento no qual a palavra se torna o sinônimo das coisas. Uma convicção na correspondência entre palavras e as coisas terminou por sustentar a vontade de negação da vida e de tudo que a compõe, que é mudança, conflito, imprevisibilidade, desconhecimento e caos. A partir de uma linguagem cada vez mais estruturada pelas leis da gramática e da imposição da lógica da identidade ao que é enunciado, a linguagem produziu ficção de duração, de estabilidade e de verdade do mundo (MOSÉ, 2005, p. 19). De uma linguagem, portanto, que se distancia da vida.

Se a linguagem, com sua lógica da identidade, fundada na causalidade do sujeito, é a fundamentação da vontade de duração, da vontade de verdade, somente uma desconstrução da linguagem pode desmontar o mecanismo negador da vida internalizado no homem moderno, o homem “doente de si mesmo” (MOSÉ, 2005, p. 21).

A crítica nietzschiana tem como ponto de partida o argumento de que a linguagem, desde seu nascimento, com a filosofia socrático-platônica, se fundamenta na vontade de produzir duração como forma de se contrapor à multiplicidade móvel que é a vida. É esta vontade de duração, atribuída ao pensamento ocidental, que Nietzsche vai problematizar nos seus escritos. É com a criação dos signos de comunicação que o homem produz sua primeira experiência de duração, e vai ser essa experiência que vai dar sustentação a crença na verdade, critério da racionalidade clássica (MOSÉ, 2005, p. 54).

Se a linguagem nasceu e se constituiu como um signo do rebanho, por ter sido fundada numa rede de comunicação da consciência, do sujeito, Nietzsche considera a possibilidade de uma linguagem forjada na singularidade, na

²⁸ A definição de signo utilizada aqui é a combinação entre significante (a forma tomada como imagem acústica) e o significado (conteúdo tomado como conceito) e sua função seria a da representação.

solidão. Somente uma linguagem que não se sustentasse na identidade, no sujeito, no sentido, na consciência, poderia contemplar os afetos (MOSÉ, 2005, p. 131).

Dessa maneira, a linguagem que comunica, que é a do conhecimento, é diferente da linguagem que pensa, que teria relação com o pensamento. É possível mudarmos a relação que estabelecemos com o mundo através de uma linguagem que pensa, e ao pensar, escapa dos signos do rebanho e afirma a vida. Poderíamos visualizar essa linguagem nas produções artísticas de Stela?

Somente uma linguagem destituída da identidade e da causalidade do sujeito poderia ser capaz de afirmar vida (...). Uma linguagem destituída de identidade, gregaridade, nihilismo, sustentando e sendo sustentada por uma correlação afirmativa de forças, somente pode ser pensada, em Nietzsche, como produto de uma nova escritura. Em outras palavras, uma linguagem afirmativa ainda estaria por ser inventada (MOSÉ, 2005, p. 62).

Trata-se aqui de uma linguagem que não se vincula à verdade, mas, ao contrário, é ficção. Stela, através de sua escritura, inscreve-se numa outra lógica que não é a da racionalidade, associada a uma concepção de conhecimento que acaba por romper a ligação entre conhecimento e vida. Ela instaura uma linguagem que anuncia, começa e é capaz de comunicar a experiência da dor e do sofrimento. A dor de nascer e se perceber vivo, e a certeza de que caminhamos para esse fim, a morte: “Não sou eu que gosto de nascer [...] Eles é que me botam pra nascer todo dia [...] Me encarnam me desencarnam me reencarnam” (PATROCÍNIO, 2001, p.79). A linguagem de Stela é uma linguagem outra, capaz de afirmar e expandir a vida e adiar a morte. A linguagem é o signo da comunicação. Mas Stela não usa a palavra para se comunicar, ou comunicar uma verdade; ela a usa no sentido da ficção, da experimentação. A escritura de Stela imprime potência; ela escreve para ver e ouvir. A questão da linguagem começa e recomeça (nascer/morrer), num movimento de montagem e desmontagem da narrativa, num tensionamento da narrativa que, no entanto, não implica uma ruptura, mas descontinuidade.

Não sou eu que gosto de nascer
Eles é que me botam pra nascer todo dia
E sempre que eu morro me ressuscitam
Me encarnam me desencarnam me reencarnam

Me formam em menos de um segundo
 Se eu sumir desaparecer eles me procuram onde eu estiver
 Pra estar olhando pro gás pras paredes pro teto
 Ou pra cabeça deles e pro corpo deles
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 79).

Nesse sentido, o sujeito não desaparece, não é aniquilado. Se o lugar “manicômio” é o lugar da aniquilação do sujeito, a escritura de Stela anuncia a vida e fala desse movimento, dessa imprevisibilidade, desse morrer e renascer todo dia, onde a morte não é o fim, pois ela nasce novamente.

Eu não queria me formar
 Não queria nascer
 Não queria tomar forma humana
 Carne humana e matéria humana
 Não queria saber de viver
 Não queria saber da vida
 Eu não tive querer
 Nem vontade pra essas coisas
 E até hoje eu não tenho querer
 Nem vontade pra essas coisas
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 77).

O que vemos aqui não é aniquilação, mas dispersão do sujeito. Dispersão segundo a definição da Química pode ser qualquer disseminação de uma substância ao longo de todo volume de outra substância. Uma dispersão é formada pela mistura onde uma substância se distribui por toda superfície, numa composição *o gás que toma forma*.

Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo
 Eu era ar, espaço vazio, tempo
 E gases puro, assim, ó, espaço vazio, ó
 Eu não tinha formação
 Não tinha formatura
 Não tinha onde fazer cabeça
 Fazer braço, fazer corpo
 Fazer orelha, fazer nariz
 Fazer céu da boca, fazer falatório
 Fazer músculo, fazer dente
 Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas
 Fazer cabeça, pensar em alguma coisa
 Ser útil, inteligente, ser raciocínio
 Não tinha onde tirar nada disso
 Eu era espaço vazio puro
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 82).

O que Stela comunica é a experimentação do vazio, da vivência. Mas ela não desaparece. Ela anuncia “Eu sou Stela do Patrocínio”, fazendo emergir

um tensionamento da narrativa, na qual o sujeito não é aniquilado, mas se dispersa, e, após, retoma a forma. Ele nunca morre, mas consegue retornar num movimento de composição de formas, assim como a água, num jogo onde a substância muda de estado e forma, mas se recompõe novamente.

Mosé (In: PATROCÍNIO, 2001, p. 30) escreve sobre a tristeza de Stela acerca da constatação de que sua palavra não será capaz de tirá-la do isolamento. É dessa impossibilidade de escapar que surge a obra como possibilidade de existir. Stela mesmo tomando forma, permaneceria “cumprindo prisão perpétua”, porque “quem vence o belo é o belo” e “quem vence o cientista é outro cientista”. E fala de sua família, “a família do cientista”.

Mesmo na condição de interna de um Hospital Psiquiátrico, Stela consegue se apropriar dessa realidade e consegue atribuir um outro sentido, uma outra forma de existir dentro do manicômio. Consegue, assim, escapar do clichê do *louco delirante*, e, através de seu *falatório*, imprime originalidade,²⁹ fazendo a linguagem tornar-se outra. Ela foge ao modelo, esse padrão de linguagem proposto pelo pensamento racional, sendo sua linguagem intensa e potente. Acompanha-se aqui a concepção de Deleuze de uma literatura que privilegia a singularidade e a intensidade, ou seja, o acontecimento e o devir contra a representação.³⁰

A última parte, “Procurando falatório”, traz a consciência que Stela tinha de sua palavra, momentos em que falava sobre o falar. E por fim o texto surpreendente em que denuncia “falo, falo, falo, falo o tempo todo/ e é como se eu não tivesse falado nada/ eu sinto fome matam minha fome/ sinto sede matam minha sede/ fico cansada, falo que tô cansada/ matam meu cansaço/ (...) quando eu reclamo”. Stela não quer ser atendida. O que ela precisa é manter a interlocução, o confronto. Atender às suas reclamações seria calar sua voz, seria pôr fim ao embate que lhe possibilita nascer, tomar forma, configurar. Ela sabe que “quem vence o belo é outro belo, quem vence o cientista é outro cientista”, mas ela parece saber também que ao dizer de sua impossibilidade de vencer, de alguma forma vence. Por diversas vezes se refere a seu “falatório”, que é sua diferença no espaço asilar; ou à sua capacidade de “botar o mundo inteiro pra gozar”. Esta lucidez em

²⁹ Encontramos o conceito de originalidade no pensamento de Gilles Deleuze, que tem relação com o sujeito regular e/ou particular e o sujeito singular. O indivíduo particular seria o que obedece às leis, as normas. Originalidade remete ao sujeito singular. Esse último seria o que não se enquadra a qualquer forma explicável, foge ao padrão da racionalidade. Usualmente, esse conceito se aplica aos artistas.

³⁰ Essa concepção é encontrada em alguns de seus livros: G. Deleuze; F. Guattari, *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*, volume 1, tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa; G. Deleuze; F. Guattari, *Kafka. Por uma literatura menor*. Trad. de Júlio Castanõn Guimarães. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977; Deleuze, G; Parnet, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

relação à sua arte, depois de quase trinta anos neste espaço de absoluta uniformidade, é uma das coisas que mais impressiona em Stela do Patrocínio. Quem alguma vez visitou uma instituição psiquiátrica pode imaginar o que isto significa (MOSÉ In: PATROCÍNIO, 2001, p. 24).

Algumas análises da poesia de Stela têm chamado atenção para seu valor estético, considerando-a dentro da categoria estética da experiência-limite e qualificando-a como obra de arte em função disso. Além disso, podemos pensar que essa poesia seja uma arte de resistência à instituição manicomial, mas isso como consequência da experiência e não *a priori*.

Quando Stela do Patrocínio opta pela palavra, realiza um *ato político*, um modo de atuação. Esse gesto insubordinado de *requerer voz quando o louco não tem voz* é se colocar no mundo, reclamar um lugar, e surge como forma de dar conta da necessidade de se criar novos modos de vida e possibilidades de existência que possam oferecer resistência ao poder e a dominação. Rancière (2000) pontua, acerca do conceito de estética, que esta não é um saber sobre as obras, mas “um modo de pensamento que se desdobra acerca delas e que as toma como testemunhos de uma questão: uma questão que se refere ao sensível e à potência de pensamento que o habita antes do pensamento, sem o conhecimento do pensamento. Estética é uma ideia do pensamento”.³¹

No fundo, para as pessoas da minha geração, a grande literatura era a literatura norte-americana, era Faulkner. É provável que só ter acesso à literatura contemporânea através de uma literatura estrangeira, à fonte da qual nunca se podia remontar, tenha introduzido uma espécie de distância em relação à literatura. A literatura era ‘a grande estrangeira’ (FOUCAULT, 2016, p. 09).

E dentro dessa perspectiva podemos pensar que, assim como a literatura é “a grande estrangeira”,³² Stela do Patrocínio também é uma grande estrangeira, uma passageira clandestina no universo poético. A partir disso, se coloca a necessidade de pensar como se deu esse encontro e essa relação entre a linguagem e Stela.

³¹ Para mais informações sobre o assunto ver o texto “Existe uma estética deleuziana?”, de Jacques Rancière, que faz parte do livro *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*, Éric Alliez (org.) e coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Editora 34, ano de 2000.

³² “A grande estrangeira” seria na verdade uma passageira clandestina. Esse conceito é abordado no livro de Michel Foucault “A grande estrangeira – Sobre literatura”.

Na obra *O que é a filosofia?* (2010) Gilles Deleuze e Félix Guattari, sustentam que o filósofo cria conceitos e o artista cria sensações. Ambos traçam um plano de imanência. Interessa-nos menos o filósofo e mais o artista nessa composição.

Considerando que, no plano de imanência,³³ o conceito existe independentemente do mundo fora dele, a escrita poderia ser compreendida como fluxo imanente. Se o conceito de imanência faz referência a um lugar, deserto, um plano ou suporte onde os conceitos se encontram, a linguagem pode ser um movimento ou pode produzir esse movimento (no sentido de agir sobre) de criação e/ou subversão de um pensamento enraizado/estático.

Para Deleuze (2010), a arte cria pensamento criando sensações. A arte dá consistência, materialidade às percepções passageiras que temos, transformando essas percepções em perceptos. Enquanto o filósofo cria conceitos, o artista cria sensações com as palavras.

Os perceptos fazem parte do universo da arte. Perceptos não são a mesma coisa que percepções. O artista, seja ele um escritor, músico ou pintor, pode produzir e/ou criar um conjunto de percepções e sensações, sejam elas visuais, auditivas e até gustativas. Existe uma tentativa de conferir a este bloco de sensações uma independência em relação ao sujeito que as sente. O objetivo é dar duração ou eternidade. Os perceptos, dessa maneira, adquirem autonomia e eternidade. Outro elemento que faz parte dessa composição são os afectos. Perceptos e afectos coexistem, não existem perceptos sem afectos. Os afectos são os devires. A música, assim como a literatura, é uma grande criadora de afectos. Ela nos lança, nos conduz a potências acima da nossa capacidade de compreensão.

O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é *um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos*. Os perceptos não mais são percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de percep-

³³ Para mais informações sobre o conceito de imanência, ver: *O que é a filosofia*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz, Editora 34, 2010.

tos e afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 193-194).

Mas se a obra, após criada, passa a existir por si mesma, a precede sempre um processo de criação, que envolve um processo de subjetivação. Nesse sentido, Foucault (2015) vai pensar a escrita como cuidado de si,³⁴ no sentido de que a escrita é uma ferramenta para agir sobre si mesmo de forma ética. Podemos perceber esse movimento em alguns escritores como Blanchot, Bataille, Kafka. Como a escrita estabelece uma relação de subjetivação irrestrita, no sentido nietzschiano de “tornar-se o que se é”. Esse é o sentido da escrita como cuidado de si, uma escrita que tem correspondência com o cuidado de si, ao conferir ao existir uma forma propriamente estética.

3.4. Escrituras do manicômio: sobre a literatura de testemunho

Com a edição e publicação do livro de Stela do Patrocínio pela filósofa e escritora Viviane Mosé, a proposta era introduzir as falas de Stela enquanto discurso poético. Mas como um discurso pode ser legitimado? Essa noção de legitimidade se encontra ligada ao reconhecimento do direito à palavra por parte daquele que diz.³⁵ E é muito importante esse reconhecimento que valida um registro, uma vida, particularmente na lógica da instituição psiquiátrica, onde a fala do louco é destituída de valor. É nesse encontro com o outro e nesse reconhecimento que é possível organizar-se e dizer algo sobre si. Então Stela toma a palavra e testemunha, tornando público e entrelaçando a sua experiência a essa narrativa sobre o cotidiano e a realidade da instituição asilar. Um testemunho que acontece sempre no presente.

Posso testemunhar, no sentido estrito dessa palavra, no instante em que testemunho, ninguém pode testemunhar em meu lugar. O que testemunho é primeiramente, no instante, meu segredo, e fica a mim reservado. Posso guardar segredo do que testemunho; é a condição do testemunho no sentido estrito, é por isso que não se poderá jamais demonstrar, no sentido da prova teórica e do julgamento determinante, que um perjúrio ou uma mentira tiveram efetivamente lugar. A confissão em si não é suficiente. Ligando o testemunho, o segredo e o instante, dizendo nesse exato instante, anunciaria uma singular

³⁴ Vamos encontrar mais informações sobre esse tema no texto de Michel Foucault “A escrita de si” que faz parte do livro *O que é um autor?* Editora Veja, 2015.

³⁵ Antônio Cândido, *O direito à literatura*.

aliança testemunhal entre o segredo e o instante, a saber: o que na unidade indivisível do instante se temporaliza sem se temporalizar em definitivo [...] Em princípio, testemunhar, e não ser testemunha, mas testemunhar, declarar, *bearing witness*, é sempre tornar público (DERRIDA, 2015, p. 39).

Assim, outra forma de buscar entender e categorizar a produção de Stela é através da ideia de testemunho. Existir no mundo implica infinitas composições e estar excluído do discurso da racionalidade e da representação. É forjar essas composições a partir da criação de uma outra lógica, a qual demanda pensar fora das vozes da razão para sobreviver: “*Eu não sei quem fez você enxergar [...] Como é que você consegue enxergar e ouvir vozes?*” (PATROCÍNIO, 2001, p. 87).

Com seu “falatório”, Stela relata a experiência dentro do manicômio. E sua obra começa a ser comparada a escritores como Lima Barreto, Anne Frank e Maura Lopes Cançado. É atribuído caráter biográfico e documental à obra desses escritores, cujos textos se encontram em forma de relatos de experiências. Esse modo de fazer literário é o que vamos chamar de literatura de testemunho ou narrativas de testemunho.³⁶

O termo “literatura de testemunho” pertence ao campo dos estudos literários. As narrativas de testemunho tem sua gênese na ideia de que o trauma tem que ser narrado. O testemunho é uma forma de dar espaço para a escuta e dar voz a quem antes não tinham direito a ela. Dentro desse contexto, encontramos Anne Frank e Primo Levi que vão narrar os horrores do Holocausto e os depoimentos de escritores como Lima Barreto e Maura Lopes Cançado que relatam suas experiências como pacientes de instituições psiquiátricas. E ainda que a fala de Stela seja uma forma indireta de testemunho, pode ser entendida como depoimento, não um texto que se presta a depor e/ou contar, mas um relato em forma de denúncia.

Assim sendo, a relevância dos escritos que fazem parte do que se chama literatura de testemunho é recuperar e/ou reconstruir um episódio. O testemunho estabelece relação com a memória, enquanto relato e/ou narrativa que

³⁶ O termo literatura de testemunho se originou do conceito de “literatura do Holocausto”, noção que tem origem nos relatos testemunhais de vítimas dos horrores nazistas da Segunda Guerra Mundial. São obras de cunho biográfico, histórico e testemunhal. Testemunho pode ser entendido, dentro desse contexto, como o relato, o depoimento, o documento, o registro (escrito ou oral) do testemunho daquele que sobreviveu. Ver *História, memória, literatura – o testemunho na era das catástrofes* (2003), organização de Márcio Seligmann-Silva.

busca na memória o fato ocorrido. O narrador, ao narrar o fato, busca seu registro na memória. Portanto, está implicado – o trauma implica uma dor, um sofrimento, uma experiência de vida.

“O que se ouve é mais revelador que o que se vê [...] o olho também inventa, mas não inventa no domínio dos sons, enquanto que os sons inventam no domínio da imagem”. Palavras radicais de Robert Bresson, palavras que confirmam a sentença: “ouvir não é o mesmo que ver” [...] Quando a prova do ver se converte em simulacro e em inventário de efeitos, Lévinas propõe dirigir o corpo à palavra autêntica e verdadeira, a uma comunidade de outros que testemunham experiências (CANGI apud SELIGMANN-SILVA, 2003, p.140).

A testemunha é o sobrevivente. O que Stela registra, através de seu “fatalório”, diz da impossibilidade mesma de dizer. Dessa forma, o testemunho se insere enquanto possibilidade de produção dos indivíduos, e essa produção só se efetiva se quem vê também mostra (no sentido de estar exposto à visão do outro) onde *“a testemunha nunca é neutra ou imparcial. Ela tem a responsabilidade de fazer ver”* (LAPOUJADE, 2017, p. 22). Quando as palavras não são mais suficientes para expressar o que foi vivenciado, aquele que viveu o trauma precisa do outro (experiência do testemunho). Precisa partilhar a dor, essa dor da qual as palavras não dão mais conta. Stela estabelece uma sintonia, uma comunhão onde fala dessa dor partilhada, segue o fragmento:

Olha quantos estão comigo
Estão sozinhos
Estão fingindo que estão sozinhos
Pra poder estar comigo
(PATROCÍNIO, 2001, p. 65)

Quando Stela se vê na impossibilidade de dizer (quando as palavras não dão mais conta da dor), ela se cala. Outra experiência, na qual o excesso de informação, de real, acontece, foi a de Primo Levi.³⁷

1992 – Stela é internada no Hospital Cardoso Fontes com hiperglicemia grave, culminando com a amputação de uma de suas pernas. Retorna, em fase de convalescência, para a Unidade Hospitalar de Apoio Clínico, na Colônia. É quando então faz um quadro depressivo: recusava-se a comer e entra em total mutismo. Esta recusa termina

³⁷ Primo Levi era um químico, judeu italiano que foi levado para Auschwitz, mas sobreviveu. Tornou-se um dos maiores escritores do século XX. Escreveu livros sobre Auschwitz e em função de uma depressão, acaba por suicidar-se. Sua obra literária e de testemunho é considerada ao mesmo tempo bela e dolorosa e amplamente informativa. Dentre seus livros, *É isto um homem?* tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

por agravar o processo, permitindo que se instale um quadro infeccioso grave, que termina por levar ao falecimento. Todo esse processo aconteceu em cerca de dois meses (MOSE In: PATROCÍNIO, 2001, p. 156).

As narrativas que envolvem o testemunho são marcadas por uma estagnação do tempo: o tempo não corre. O testemunho não admite substituição e sua narrativa ocorre sempre no presente. Stela não é só quem registra os fatos através de sua escritura; ela sobrevive a esse aniquilamento do ser.

O que Stela testemunha é a solidão da instituição manicomial. Mulher, pobre e negra, ela fala desse lugar marcado pela exclusão e violência, dos corpos sem vontade, da lentificação do tempo e dos abusos, das práticas medicalizantes. O confinamento é apenas a parte visível e mais imediata do silêncio imposto à loucura. A obra de Stela do Patrocínio também é uma obra de teor testemunhal sobre o cotidiano do manicômio, das práticas asilares, sobre a violência institucional. É através da escritura de Stela que o relato vem a público, no formato de denúncia. A dimensão do que Stela quer comunicar, “tomar voz”, faz referência a um registro, uma fala. Do sujeito que toma a palavra e testemunha uma experiência única, que é também a experiência de um coletivo, das pessoas que já passaram e as que se encontram no manicômio. Seguem, ao final, alguns fragmentos da escritura de Stela do Patrocínio sobre a rotina da instituição psiquiátrica, com suas práticas medicalizantes e de controle, como os procedimentos de eletrochoque e afins. Num de seus fragmentos, Stela fala sobre a semelhança da instituição psiquiátrica com a prisão, fazendo menção a prática de encarceramento onde “*Estar internada é ficar todo dia presa*” (PATROCÍNIO, 2001, p. 55).

Eu estava com saúde
 Doeci
 Eu não ia adoecer sozinha não
 Mas eu estava com saúde
 Estava com muita saúde
 Me adoeceram
 Me internaram no hospital
 E me deixaram internada
 E agora eu vivo no hospital como doente
 O hospital parece uma casa
 O hospital é um hospital
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 51)

Eu pensei que ia acusar
 Se eu tenho alguma coisa no cérebro

Não, acusou que eu tenho cérebro
Um aparelho que pensa bem pensado
Que pensa positivo
E que é ligado a outro que não pensa
Que não é capaz de pensar nada e nem trabalhar
Eles arrancaram o que está pensando
E o que está sem pensar
E foram examinar esse aparelho de pensar e não pensar
Ligados um ao outro na minha cabeça, no meu cérebro
(PATROCÍNIO, 2001, p. 69)

O registro acerca da fala de Stela diz de um lugar que é o manicômio, sua condição, que é a internação em regime fechado. Lugar e condição que com o movimento da Reforma Psiquiátrica começava a desaparecer deixando de existir em nossa cultura e que as atuais propostas da contra-reforma psiquiátrica buscam reeditar sob novas formas. Mas testemunhar a obra de Stela do Patrocínio tem uma importância maior que é integrá-la no discurso que um dia a excluiu (MOSE In: PATROCÍNIO, 2001, p. 43). Assim sendo, mesmo que Stela tenha ficado confinada em uma instituição psiquiátrica, sua obra e sua linguagem reverberam para além dos muros do manicômio e alcançam o mundo.

4. A EXPERIÊNCIA LIMITE E/OU A EXPERIÊNCIA DO FORA: MAURICE BLANCHOT, MICHEL FOUCAULT E GILLES DELEUZE

Uma linguagem levada ao extremo limite, elevada à potência do indizível, torna possível visões e audições libertas do empírico, visões e audições superiores, puras, capazes de ver o invisível e ouvir o inaudível, tornando o escritor um vidente (*voyant*) e um ouvinte (*entendant*), alguém que vê e ouve algo grande demais, forte demais, excessivo. O escritor vê e ouve nos interstícios, nos desvios da linguagem com um objetivo crítico e clínico: captar forças, tornar sensíveis forças invisíveis e inaudíveis, e libertar a vida de uma prisão, traçar linhas de fuga (MACHADO, 2009, p. 212).

A questão que se coloca é como dar voz a Stela do Patrocínio enquanto alguém que testemunha sua obra. Como escrever sobre uma Stela que faz a linguagem vibrar, ressoar. Uma palavra que não tem equivalente ao signo, uma palavra que é afeto. Partindo da ideia de que o pensamento é o que arremessa para o fora, pensamento é potência e experimentação, é essa potência que a filósofa Viviane Mosé vai encontrar no “falaório” de Stela. Embora o referencial utilizado para pensar sobre essas questões seja o foucaultiano (principalmente), vamos fazer uso de dois outros autores que dialogam com Foucault: Deleuze e Blanchot.

Blanchot (2011b), no livro *A parte do fogo*, mostra-nos que é possível escrever sem nos perguntarmos por que escrevemos.

Quando pensa a criação artística e literária Blanchot (2011b), aponta-nos que, quando escrevemos, estamos sob a iminência de diversas vozes contínuas e exigentes, pois “*Não existe uma coisa na qual eu não me encontre, não é só a minha voz que canta: tudo ressoa*” (BLANCHOT, 2011b, p. 164). Cada uma delas nos aponta para uma direção, oferecendo-nos uma versão sobre a obra que se coloca em movimento. O que traz a possibilidade da escrita ao escritor é seu trabalho sobre si e sobre os vários outros em si que existem.

A escritura é uma experiência limite, pois quando se escreve não há mais um eu quem escreve. Sou eu e sou multidão, ao mesmo tempo fragmentado e incompleto, invenção e criação, dilacero-me e me recomponho outro, sou o pensamento que se lança ao fora.

No livro “O espaço literário”, Blanchot (2011a) pontua que a obra sempre está em vias de se fazer. O que se entende por obra não pode ser reduzido

apenas a um amontoado de palavras, a um certo conjunto de letras organizadas sobre o papel, cuja materialidade garanta um estatuto de literatura. A obra é um ser, uma potencialidade e uma possibilidade que o escritor visualiza no momento em que se põe a escrever. É a criação antes de se tornar criatura, um devir que pode se realizar na forma de livro. Portanto, o livro é o resultado dessa passagem do “ser” ao “ente”³⁸ – de um ser chamado obra e de um ente chamado livro.

Entretanto, a obra – a obra de arte, a obra literária – não é acabada nem inacabada: ela é. O que ela nos diz é exclusivamente isso: que é – e nada mais. Fora disso, não é nada. Quem quer fazê-la exprimir algo mais, nada encontra, descobre que ela nada exprime. Aquele que vive na dependência da obra, seja para escrevê-la, seja para lê-la, pertence à solidão do que só a palavra ser exprime: palavra que a linguagem abriga dissimulando-a ou faz aparecer quando se oculta no vazio silencioso da obra (BLANCHOT, 2011a, p. 12).

Buscando marcar uma diferença entre a linguagem comum e a linguagem literária, Blanchot afirma que “*escrever é retirar a palavra do curso do mundo*” (Blanchot, 2011a). Dessa forma, a linguagem deixa de ser apenas uma ferramenta para dar nome às coisas, para construir seu próprio mundo, criando uma realidade própria.

Na linguagem do mundo, a linguagem cala-se como ser da linguagem e como linguagem do ser, silêncio graças ao qual os seres falam, no qual encontram também esquecimento e repouso (BLANCHOT, 2011a, p. 34).

Diferentemente da linguagem comum, a linguagem literária ao criar esse mundo próprio não remete a algo exterior, mas realiza-se em si mesma. Essa linguagem essencial, acrescenta Blanchot, é essencialmente falar, mas é também pensar, dando materialidade ao que nomeia. Revestida dessa materialidade, essa linguagem possibilita a experimentação, criando novas possibilidades de vida e, nesse movimento, vamos nos encontrar com a escritura de Stela do Patrocínio.

³⁸ Nota-se que a diferença entre “obra” e “livro” em Blanchot é similar à diferenciação entre “imaginação” e “mundo”. A obra é como que a totalidade ideal, a potência de um acontecimento (ser), enquanto o livro pode ser entendido como um fragmento particular, o acontecimento mesmo (PINEZI; D., 2013, p. 720).

A fala poética deixa de ser fala de uma pessoa: nela, ninguém fala e o que fala não é ninguém, mas parece que somente a fala “se fala”. A linguagem assume então toda a sua importância; torna-se o essencial [...] não é Mallarmé quem fala, mas é a linguagem que se fala, a linguagem como obra e a obra da linguagem (BLANCHOT, 2011a, p. 35).

Da impossibilidade da voz ser ouvida ou existir no mundo e da dificuldade do “louco” tomar a palavra e exercer o direito à palavra por parte de quem a diz é que emerge a possibilidade da obra de Stela de se materializar. É a constatação de que sua palavra não a tira daquele lugar que confere materialidade a sua linguagem e possibilita-lhe a obra. Stela tem a impossibilidade como base de sua possibilidade. A experiência literária é o próprio fora, essa relação com o fora onde a linguagem faz uma dobra, um mundo que se desdobra em outro, um movimento de desdobramento.³⁹

A loucura pode compor uma experiência entendida como uma transgressão da racionalidade, do pensamento que se pauta pela razão. E, nesse sentido, pode expressar-se em forma de manifestação artística ou literária. Um dos conceitos que permeiam os escritos de Foucault é o conceito de experiência. No livro *História da loucura* (2002), vamos nos encontrar com a “experiência trágica da loucura”, na qual loucura e desrazão são banidas do pensamento da racionalidade ocidental. Nesse sentido, experiência pode ser entendida como percepção do fenômeno da loucura.

Assim sendo, o conceito de experiência que nos interessa é o de experiência limite, que aparece no pensamento de Foucault em um texto publicado em 1963, na revista *Critique*, depois republicado na *Coleção Ditos e Escritos* (1994) no qual faz uma homenagem póstuma a um escritor francês, George Bataille. No texto “Preface à la transgression”, Foucault faz uma consideração sobre a possibilidade da linguagem artística de criar um discurso que figuraria fora de si mesma. E, dessa forma, a experiência artística não estaria aprisionada pela linguagem. Essa linguagem transgressiva é a linguagem literária e

³⁹ Para maiores informações ver *A conversa infinita. A ausência de livro* (2010), volume 3, Maurice Blanchot, editora Escuta.

“mesmo se a obra não pode ter seu lugar no delírio, a linguagem pode ser delirante”.⁴⁰

Nesse sentido, quando Foucault fala sobre o conceito de *experiência limite* (e aqui experiência nos remete a experimento, experimentação), podemos compreendê-la como uma experiência do fora, sustentando a ideia de que “o enunciado não poder conter o visível, assim como o visível nunca conterá o enunciado”.⁴¹ No trabalho do pintor surrealista Magritte, podemos visualizar essa dissociação descrita anteriormente entre signo verbal e representação visual – o que representa o quê, quando as palavras não remetem as suas respectivas imagens? Essa separação entre o ver e o falar embaralha o modelo da representação. Maurice Blanchot (2010) vai afirmar em seu *livro A conversa infinita. A palavra plural*:

Falar não é ver. Falar libera o pensamento desta exigência ótica que, na tradição ocidental, submete a milênios nosso contato com as coisas e convida-nos a pensar com a garantia da luz ou sob a ameaça da ausência de luz (BLANCHOT, 2010, p. 66).

O sujeito, no pensamento de Foucault, só emerge enquanto fala, enquanto discurso. Portanto, para pensar o sujeito, é necessário pensar a linguagem como fala e como ação do discurso. A ideia ou o conceito de experiência limite, dentro desse contexto, entra como um movimento de dessubjetivação, “de arrancar o sujeito de si mesmo” e produzir um “si” como diferença, como possibilidade e/ou limite (VON ZUBEN, 2010, p. 24).

Enquanto palavra do fora, a experiência literária se materializa como espaço de transgressão de tudo que é fixo. Proporcionando essa experiência – a experiência do fora -, elimina o sujeito do espaço literário. Não é o sujeito quem fala. Foucault, Blanchot e Deleuze convergem nesse sentido. Entretanto, eliminar o sujeito não significa eliminar a experiência. A experiência literária enquanto experiência do fora é uma experiência da própria linguagem, é a linguagem enquanto experimentação ou “ser linguagem”. Nesse sentido, a experimentação remete a uma ação da escrita sobre a vida. Assim, Stela nos permite reconhecer em sua escritura aspectos sobre sua vida.

⁴⁰ É no livro “Foucault, a filosofia e a literatura”, que o autor, Roberto Machado, faz alguns apontamentos sobre os conceitos de obra e transgressão e sua relação com a linguagem em Michel Foucault.

⁴¹ Ver *Isto não é um cachimbo* (2014), de Michel Foucault, editora Paz e Terra.

Me transformei com esse falatório todinho
 Num homem feio
 Mas tão feio
 Que não me aguento mais de tanta feiúra
 Porque quem vence o belo é o belo
 Quem vence a saúde é outra saúde
 Quem vence o normal é outro normal
 Quem vence o cientista é outro cientista
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 143)

Assim sendo, só uma Stela, enquanto singularidade, é capaz de vencer a loucura e, através da experimentação da linguagem, conferir legitimidade a sua palavra. Dessa maneira, o sujeito enquanto identidade se dispersa, dilui-se para abrir espaço a um outro, o da singularidade, onde o “eu” não existe e *“trata-se muito mais de um trânsito ao fora: a linguagem que escapa do modo de ser do discurso no sentido da representação e a palavra se desenvolve a partir de si mesma”*.⁴²

Essa noção de experiência limite é um esforço em se entender a origem da linguagem.

A linguagem literária é, portanto, um vazio, um “exterior no interior do qual ela não para de falar: o eterno escoamento do fora”. O ser da literatura não concerne nem ao homem nem aos signos, mas ao espaço do duplo. Ela se desdobra continuamente no seu fora. Referindo-se a si própria, a linguagem se constitui como dupla, como dobra [...] Alcançando seu ser, a linguagem aproxima-se de sua origem (LEVY, 2011, p. 68).

Em seu livro sobre Foucault, o filósofo Gilles Deleuze (2013a) faz um apontamento sobre a diferenciação no pensamento de Foucault dos conceitos de exterioridade e fora. Segue:

É preciso distinguir a exterioridade e o lado de fora. A exterioridade é ainda uma forma, como na *Arqueologia do saber*, e mesmo duas formas exteriores uma à outra, pois o saber é feito desses dois meios, luz e linguagem, ver e falar. Mas o lado de fora diz respeito à força: se a força está sempre em relação com outras forças, as forças remetem necessariamente a um lado de fora irreduzível, que não tem mais sequer forma, feito de distâncias indecomponíveis através das quais uma força age sobre outra ou recebe a ação de outra. É sempre de fora que uma força confere às outras, ou recebe das outras, a afetação variável que só existe a uma tal distância ou sob tal relação. Há,

⁴² Michel Foucault, nos *Ditos e Escritos III “Estética: Literatura e Pintura. Música e Cinema”*, em um de seus textos “1966 – O pensamento do exterior” trata sobre essa questão da “abertura para uma linguagem da qual o sujeito está excluído”, onde há o desaparecimento do sujeito que fala.

então, um devir de forças que não se confunde com a história das formas, já que opera em outra dimensão (DELEUZE, 2013a, p. 93).

A linguagem é um conceito que interessa a Deleuze, pois ele parte dela para pensar a literatura. Seu interesse se concentra em um tipo de literatura, que ele chama de “literatura de minoria, menor”.⁴³

O conceito de “literatura menor” é um conceito estético. Essa literatura, pensada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, abrange três categorias: desterritorialização da língua; a ligação do individual com o imediatamente político e o “agenciamento coletivo de enunciação”.⁴⁴

A literatura menor corresponde a uma literatura de uma minoria, uma literatura revolucionária, que forja um movimento de desterritorialização no interior do que os estudos literários entendem por grande literatura, a literatura tradicional e ou/clássica. Assim, uma minoria constrói uma língua própria dentro de uma língua maior, uma língua forjada em condições minoritárias. A imagem da forja é interessante nesse contexto, porque forjar é trabalhar, talhar, cunhar no metal. Uma língua forjada é uma língua que adquire propriedades diferentes da língua original, da língua materna, e é nesse sentido exato que a “literatura menor” opera. Imprime uma característica, um devir revolucionário. Esse movimento é o que vamos denominar *desterritorialização da língua* e, devido às suas fortes variações (coeficiente de desterritorialização), tem relação com o exílio no sentido de que quem escreve precisa se colocar para fora de seu lugar e fora de si.

Uma segunda característica da “literatura menor” faz referência a sua ligação do individual com o imediatamente político.

A literatura menor é completamente diferente: o seu espaço, exíguo, faz com que todas as questões individuais estejam imediatamente ligadas à política. A questão individual, ampliada ao microscópio, tor-

⁴³ É no livro *Kafka. Por uma literatura menor* (2014), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tradução de Cíntia Vieira da Silva, editora Autêntica, que vamos encontrar o conceito de literatura menor, no qual “uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas a língua que uma minoria constrói numa língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 38). E sua principal característica é o impacto que o movimento de desterritorialização imprime nesse processo. Outra característica é que tudo nessa literatura é político. Existe ainda outra (a terceira característica) onde tudo toma um valor coletivo. Na escritura de Stela do Patrocínio essas características são importantes, mas duas delas apresentam maior relevância que é a desterritorialização e a questão do coletivo, que serão expostas no decorrer do texto.

⁴⁴ Para maiores informações ver *Kafka. Por uma literatura menor* (2014), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tradução de Cíntia Vieira da Silva, editora Autêntica.

na-se muito mais necessária, indispensável, porque uma outra história se agita no seu interior (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 39).

Uma terceira e última característica seria sua dimensão de coletivo “tudo toma um valor coletivo” onde “não existe sujeito, só agenciamentos coletivos de enunciação”. A linguagem de Stela fala de um coletivo, de uma experiência partilhada por todos os que a antecederam e todos aqueles que estariam naquele lugar: experiência de aniquilamento vivida por pacientes que se encontram em uma instituição asilar. Seu “falatório” diz dessa experiência partilhada, que não faz referência apenas a ela Stela.

Olha quantos estão comigo
Estão sozinhos
Estão fingindo que estão sozinhos
Pra poder estar comigo
(PATROCÍNIO, 2001, p. 65)

A escritura de Stela nos diz da linguagem como experimentação, uma linguagem marcada pela intensidade e pelo afeto, que coloca uma vida em devir. Stela se dilui em seu falatório e se recompõe, pois são as muitas vozes que Stela dá passagem em seu falatório. Stela toma a palavra afirmando sua dor, fazendo dela algo que é capaz de sensibilizar e impactar, algo interessante. O que não pode ser dito se materializa na obra. E é justamente essa experimentação que opera a partir de seu “falatório” fazendo dessa dor, desse sofrimento uma experiência de criação e invenção de possíveis, de novas possibilidades.

Quantos anos você tem?
Quinhentos milhões e quinhentos mil
A idade dos moradores do núcleo Teixeira
Brandão Jacarepaguá
(PATROCÍNIO, 2001, p. 148)

A linguagem no pensamento de Deleuze apresenta uma concepção de literatura que privilegia a singularidade e a intensidade, ou seja, o acontecimento e o devir contra a representação. Nesse cenário, a experiência literária conduz a linguagem a um extremo limite.

O limite da linguagem, que põe a linguagem em contato com elementos não linguísticos, é o de-fora feito de visões e audições possibilitadas, inventadas pelas palavras, que são não linguísticas, mas não são independentes da linguagem. Se escrever implica ver e ouvir, se o escritor vê e ouve através das palavras, entre as palavras, trata-se

de visões e audições especiais que são mais profundas que as percepções comuns porque são capazes de dar conta da intensidade, de captar as forças da vida ou do mundo [...] por meio de um pensamento de fora que nos faz ver e ouvir o mundo, a vida em sua potência, um pensamento como sensação, que é a maneira artística de pensar (MACHADO, 2009, p. 212).

Para Deleuze, a literatura não pode ser reduzida apenas a um fenômeno linguístico. Linguagem, como pensa Deleuze, é entendida enquanto potência de dizer o que é indizível. E é por adentrar na atmosfera da impossibilidade de ser que ela torna possível – a linguagem – essa relação com a morte e com o fora.

Deleuze, como Foucault, enfatiza nessa relação o aspecto de que o procedimento é uma relação com a linguagem em que esta não visa à designação, a significação ou a tradução, mas se volta para si mesma, um desdobramento sobre si, fazendo ressaltar o impossível da linguagem que é o seu fora na medida em que o procedimento “impele a linguagem a um limite, mas nem por isso o transpõe”, pois que se volta para sua materialidade como para afrontar a linguagem do outro lado de seu limite, manifestando a impossibilidade dos sentidos ordinários que ela possui [...] o desvio da linguagem da loucura nesse movimento sobre si visa antes conjurar o sofrimento materializado nas palavras. O que mostra o vínculo constitutivo da loucura com o procedimento a partir da leitura feita por Deleuze e Foucault dos escritos de Roussel, Brisset e Wolfson é que neles se vê manifestada a experiência limite da linguagem consigo mesma, em que “o limite não está fora da linguagem, ele é o seu fora: é feito de visões e audições não-linguageiras, mas que só a linguagem torna possíveis”. O que os escritos desses três personagens que mobilizaram a atenção de Foucault e de Deleuze nos mostra é que a linguagem do delírio ou a linguagem que realiza uma experiência com a loucura põe às claras aquilo que a linguagem em seu uso referencial, designativo, proposicional e mesmo figurativo escondem: que é enquanto estado de jogo consigo mesma que a linguagem produz visibilidades, coisas, sentidos e mesmo sua beleza (VON ZUBEN, 2010, p. 66)

A gagueira da linguagem não é semelhante à gagueira da fala – é criar uma linguagem marcada pela intensidade e pelo afeto, pelo devir. A linguagem que se comunica com o seu fora – uma linguagem que não se reproduz, que não produz a si mesma, mas que é invenção que, escapando da linguagem comum, canônica, cria uma outra língua dentro da língua, uma linguagem estrangeira, inventando nos intervalos – *fendas da linguagem* – com o objetivo de trazer à tona a vida das coisas, o devir.

A linguagem literária, enquanto espaço do fora, portanto, é essa realidade que está sempre por acontecer. É na escritura que a linguagem se desdobra em uma potência de fluxos, devires e intensidades.

O tema que mais interessa a Deleuze ao pensar a literatura em sua relação com o de-fora da linguagem é o devir. Ao considerar o que ele entende por devir, linha de fuga ou desterritorialização – termos que podem ser tomados como sinônimos –, nota-se que o devir é pensado em contraposição à imitação, à reprodução, à identificação ou à semelhança. Devir não é atingir uma forma; é escapar de uma forma dominante. Devir também não é metafórico, não se dá na imaginação, nem diz respeito a um sonho, a uma fantasia. O devir é real. Não no sentido de que, ao devir alguma coisa, alguém se torne realmente outra coisa [...] É o próprio devir que é real, e não o termo ao qual passaria aquele que se torna outra coisa (MACHADO, 2009, p. 213).

É por isso que o fora constitui um real que, ao invés de atual, é um real virtual. Esses conceitos dentro da obra de Deleuze não são conceitos opostos; ao contrário, o virtual confirma uma dimensão efetiva do real, porque remete a força, potência como força produtiva e dinâmica, a qual tem a potência de ser, mas não está presente em ato. A realidade se encontra presente, mas não sob o domínio das formas do real atual,⁴⁵ e sim sob o domínio do que é da ordem do indeterminado, do imprevisível, daquilo que Deleuze vai chamar de devir. O fora, desta maneira, pode ser pensado enquanto um espaço de singularidades, no qual as coisas não são ainda. Escrever não conduz à verdade do ser, mas leva ao erro do ser – erro entendido como lugar de errância, daquilo que é errante, ao que não pode ser habitado – ao inabitável, deserto ou o exílio. Como um deserto, onde não se pode encontrar morada. Uma estadia sem lugar, um movimento de desterritorialização⁴⁶ e de experimentação. Stela do Patrocínio não tem lugar fora do manicômio, mas também não tem dentro. Stela pertence a obra e a obra é a voz de muitas outras vozes em Stela, *uma movimentação infinita*. Stela existe num devir, sempre por fazer-se.

⁴⁵ Para maiores informações sobre o conceito de real atual, ver em DELEUZE, Gilles. O atual e o virtual. In: Éric Alliez. *Deleuze Filosofia Virtual*. (trad. Heloisa B.S. Rocha) São Paulo: Ed.34, 1996, p. 47-57.

⁴⁶ Devir, linha de fuga ou desterritorialização são termos que podem ser tomados como sinônimos no pensamento de Deleuze. Devir não é atingir uma forma, mas escapar de uma forma dominante e é pensado a partir de uma contraposição à imitação, reprodução ou à semelhança (Machado, 2009, p. 213).

É dito: pelo chão você não pode ficar
 Porque lugar de cabeça é na cabeça
 Lugar de corpo é no corpo
 Pelas paredes você também não pode
 Pelas camas também você não vai poder ficar
 Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar
 Porque lugar de cabeça é na cabeça
 Lugar de corpo é no corpo
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 52)

Assim, na literatura, o que tem visibilidade é o modo como o escritor decompõe, desarticula e desorganiza a língua num movimento de invenção, uma nova língua marcada por esse processo de desterritorialização.

“A linha de fuga é uma desterritorialização” (DELEUZE; PARNET, 1996, p. 30). A escritura de Stela se insere, portanto, no contexto da arte e a criação artística, pois é “o ato de tornar visível o invisível, tornar audível o inaudível, tornar dizível o indizível – ou para ser mais abrangente, tornar pensável o impensável”.⁴⁷ Stela imprime em sua escritura, enquanto uma linguagem que abarca pensamento e vida (uma experimentação), intensidade (quantidade de potência empregada) e afetos.

É possível que escrever esteja em uma relação essencial com as linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga, que não são imaginárias, que se é forçado a seguir, porque a escritura nos engaja nelas, na realidade, nos embarca nela. Escrever é tornar-se, mas não é de modo algum tornar-se escritor. É tornar-se outra coisa. Um escritor de profissão pode ser julgado segundo seu passado ou segundo seu futuro, segundo seu futuro pessoal ou segundo a posteridade (“serei compreendido dentro de dois anos, dentro de cem anos” etc.). Bem diferentes são os devires contidos na escritura quando ela não se alia a palavras de ordem estabelecidas, mas traça linhas de fuga. Dir-se-ia que a escritura, por si mesma, quando ela não é oficial, encontra inevitavelmente “minorias”, que não escrevem, necessariamente, por sua conta, sobre as quais, tampouco, se escreve, no sentido em que seriam tomadas por objeto, mas, em compensação, nas quais se é capturado, quer queira quer não, pelo fato de se escrever. Uma minoria nunca existe pronta, e ela só se constitui sobre linhas de fuga que são tanto maneiras de avançar quanto de atacar (DELEUZE; PARNET, 1996, p. 35-36).

Maurice Blanchot, em *O espaço literário* (2011a), vai pensar em um movimento de desdobrar-se, de desdobramento da linguagem poética, no qual a palavra poética e a experiência da escritura estão em movimento simultaneamente. E a linguagem de Stela vibra e oscila sem ruptura. No entanto, rompe

⁴⁷ Para maiores informações ver “A linguagem literária e o de-fora”, de Roberto Machado, em *Deleuze: a arte e a filosofia* (2009), p. 221.

com o silenciamento imposto pela clausura. Uma escritura de “minorias”, a fala de Stela é o que produz ressonâncias, eco:

Não se trata mais de dizer: criar é relembrar; mas relembrar é criar, é ir até o ponto em que a cadeia associativa se rompe,- escapa ao indivíduo constituído, se transfere para o nascimento de um mundo individuante. E não se trata mais de dizer: criar é pensar, mas, pensar é criar e, antes de tudo, criar no pensamento o ato de pensar. Pensar é fazer pensar; relembrar é criar; não criar a lembrança, mas criar o equivalente espiritual da lembrança ainda por demais material, criar o ponto de vista que vale para todas as associações, o estilo que vale para todas as imagens (DELEUZE, 2003, p. 105).

Para pensar esse *estar em relação com o fora*, vamos retomar outro conceito, o plano de imanência que é fundamental no pensamento de Deleuze e Guattari, no qual “*o fora constitui o domínio das forças, das singularidades selvagens, da virtualidade, onde as coisas não são ainda, onde tudo está por acontecer*”.⁴⁸

O plano de imanência só pode ser pensado como algo imanente si mesmo, é uma relação onde conceito e plano não se separam.⁴⁹

A imanência absoluta existe em si-mesma: ela não existe em algo, ela não é imanência a algo, ela não depende de um objeto e não pertence a um sujeito. Em Spinoza, a imanência não é imanência à substância, mas a substância e os modos existem na imanência. Quando o sujeito e o objeto, que caem fora do campo de imanência, são tomados como sujeito universal ou objeto qualquer aos quais a imanência é também atribuída [...] A imanência não se reporta a um Algo como unidade superior a todas as coisas, nem a um Sujeito como ato que opera a síntese das coisas: é quando a imanência não é mais imanência a nenhuma outra coisa que não seja ela mesma que se pode falar de um plano de imanência (DELEUZE, 2002, p. 12).

Apenas compreendendo o plano de imanência como o que não está capturado nem pela subjetividade nem pela objetividade, mas é a afirmação criadora da vida, enquanto errância “*pode-se dizer da pura imanência que ela é uma vida, e nada diferente disso [...] Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência completa*”.⁵⁰

⁴⁸ Para maiores informações ver o livro de Gilles Deleuze, *Foucault* (2013a), tradução de Claudia Sant’Anna Martins e revisão de Renato Janine Ribeiro, pela Editora Brasiliense.

⁴⁹ Para maiores informações ver o livro de Gilles Deleuze e Félix Guattari *O que é filosofia?* (2010), tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munõz, pela Editora 34.

⁵⁰ Para maiores informações sobre o conceito de imanência ver Gilles Deleuze, “A imanência, uma vida...”, disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/3107>.

A obra de Stela do Patrocínio implica uma linguagem enquanto experimentação. Assim sendo, obra e linguagem pertencem a um mesmo plano e é através desse movimento de desterritorialização, de linhas de fuga, movimento infinito e em constante devir, composto por singularidades, no qual a linguagem de Stela pertence ao acontecimento, e a obra na qual esse acontecimento é potência. Uma *vida enquanto imanência*, pois é exatamente essa vida o que atravessa sua escritura, o ato de criação, que imprime potência, tornando-a real.

Gilles Deleuze, no livro *Crítica e Clínica* (1997), em “*A literatura e a vida*” diz: “*Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido*” (DELEUZE, 1997, p. 11). Uma vida feita de singularidades e acontecimentos.

Diz Deleuze (1974), ainda, que os acontecimentos são o que torna a linguagem possível.⁵¹

É verdade que a narrativa, em geral, relata um acontecimento excepcional que escapa às formas do tempo cotidiano e ao mundo da verdade habitual [...] Entretanto, o caráter da narrativa não é percebido quando nele se vê o relato verdadeiro de um acontecimento excepcional, que ocorreu e que alguém tenta contar. A narrativa não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento, o acesso a esse acontecimento, o lugar aonde ele é chamado para acontecer, acontecimento ainda por vir e cujo poder de atração permite que a narrativa possa esperar, também ela, realizar-se (BLANCHOT, 2013, p. 8).

Narrar não é relatar ou descrever acontecimentos, mas propriamente “acontecer”. Portanto, para que exista a narrativa é necessário que alguém tenha vivido o acontecimento e possa contá-lo, entretanto, essa narrativa nunca é o relato de um feito mas o próprio feito, em ato. Stela não narra a experiência, ela vive a experiência em ato. É a experimentação que cria e inventa novas possibilidades de vida. Escrever sobre Stela do Patrocínio é dar visibilidade ao acontecimento Stela. E é também uma experiência que se atualiza.

⁵¹ Para maiores informações sobre *os acontecimentos que tornam a linguagem possível*, ver: Gilles Deleuze, em seu livro “*Lógica do sentido*”. Editora Perspectiva, 1974.

4.1 Stela fala. Stela não escreve: sobre a obra de Stela do Patrocínio

Escrever.
 Não posso.
 Ninguém pode.
 É preciso dizer: não se pode.
 E se escreve.
 É o desconhecido que trazemos conosco: escrever,
 É isto que se alcança. Isto ou nada.

Marguerite Duras

Então, por que escrever?

Na obra de Stela, a relação entre criação, autoria e obra, torna-se complexa. Stela tem uma obra que se materializa em um livro de sua autoria, embora a transcrição de suas falas seja póstuma. Dessa maneira, a produção de Stela do Patrocínio e o significado de sua obra se inserem nas discussões sobre autoria no contexto da escritura contemporânea.

O início de “O que é um autor?” (2009),⁵² Michel Foucault nos apresenta uma identificação dos paradigmas da escrita contemporânea: não é mais sobre o modo como se escreve ou como se fala, mas é, “sobretudo uma espécie de regra imanente”, repetidamente retomada, mas que não é totalmente aplicada, um regra que domina a escrita enquanto prática, mas não deixa rastro. Segundo Foucault (2009), o primeiro eixo dessa escrita pode ser entendido como não sendo apenas expressivo, indicando uma identificação com sua exterioridade, quando a escrita está sempre em vias de ser refeita, transgredida, dobrada ou retificada. A escrita, dessa maneira pode ser pensada como o espaço de um sujeito (autor), que está sempre em vias de desaparecer.

“Que importa quem fala?” Nessa indiferença se afirma o princípio ético, talvez o mais fundamental, da escrita contemporânea. O apagamento do autor tornou-se desde então, para a crítica, um tema cotidiano. Mas o essencial não é constatar uma vez mais seu desaparecimento; é preciso descobrir, como lugar vazio – ao mesmo tempo indiferente e obrigatório -, os locais onde sua função é exercida (FOUCAULT, 2009, p. 264).

⁵² Este texto faz parte da Coleção Ditos e Escritos: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos III**. Estética: literatura e pintura, música e cinema. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

Essa relação e ou parentesco da escrita com a morte na literatura é outro grande eixo. Michel Foucault se propõe a uma reflexão sobre duas narrativas: a primeira faz referência às narrativas gregas, nas quais a aceitação da morte do herói jovem lhe confere imortalidade. É a narrativa que recupera essa morte consentida. A outra, a narrativa árabe de “As mil e uma noites”, na qual Sheherazade utiliza o discurso para adiar a morte.

A narrativa de Sheherazade é o avesso encarnizado do assassinio, é o esforço de todas as noites para conseguir manter a morte fora do ciclo de existência. Esse tema da narrativa ou da escrita feitos para exorcizar a morte, nossa cultura o metamorfoseou; a escrita está atualmente ligada ao sacrifício, ao próprio sacrifício da vida; apagamento voluntário que não é pra ser representado nos livros, pois ele é consumado na própria existência do escritor. A obra que tinha o dever de trazer a imortalidade recebeu agora o direito de matar, de ser assassina de seu autor [...] Mas há outra coisa: essa relação da escrita com a morte também se manifesta no desaparecimento das características individuais do sujeito que escreve (FOUCAULT, 2009, p. 269).

Assim sendo, a escrita ou a fala representam o apagamento do próprio sujeito autoral, subjugando-o. Consiste no apagamento da autoria em favor do discurso, da linguagem.⁵³ É a linguagem que fala, não o autor.

Escrever para não morrer, como dizia Blanchot, ou talvez mesmo falar para não morrer é uma tarefa sem dúvida tão antiga quanto a fala. As mais mortais decisões, inevitavelmente, ficam também suspensas no tempo de uma narrativa. O discurso, como se sabe, tem o poder de deter a flecha já lançada em um recuo do tempo que é seu espaço próprio (FOUCAULT, 2009, p. 47).

Sobre a obra de Stela do Patrocínio podemos, assim, problematizar duas questões: a primeira, sobre a materialidade da obra, ou seja, o livro; e a segunda, que é o conceito de voz, que vamos discutir partindo do pensamento de Maurice Blanchot.

A materialidade física da obra – o livro – é apenas um “amontoado de palavras”. O que confere importância à obra de Stela é a voz. O livro foi uma transcrição póstuma feita por Viviane Mosé, a partir da gravação de fitas cassetes, e o livro testemunha a obra de Stela do Patrocínio, conferindo eternidade

⁵³ Para maiores informações ver “Autoria e Discurso: Diálogos com Michel Foucault” (2009), de Maria do Socorro de Assis Monteiro. Apresentação de trabalho/comunicação, p. 326-334. Disponível em http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/lin/Maria_do_Socorro_de_Assis_Monteiro.pdf

ao seu “falatório”, a sua voz. Sobre a obra, é o mesmo a respeito do filósofo Sócrates: deixa uma obra, mas quem materializa é Platão.

Em *O livro por vir* (2003), Maurice Blanchot descreve o encontro de Ulisses com os seres lendários, as Sereias. Essa narrativa faz parte do livro *Odiséia*, escrito por Homero. A respeito do canto das sereias, Blanchot traz a questão da narrativa que busca sua origem, pois descreve o encontro do escritor com “essa voz vinda de outro lugar”,⁵⁴ voz que chama para longe, convocando a mergulhar na experiência. Esse canto pode ser pensado como um sussurro, um murmúrio e uma possibilidade, um canto imperceptível:

As Sereias: consta que elas cantavam, mas de uma maneira que não satisfazia, que apenas dava a entender em que direção se abriam as verdadeiras fontes e a verdadeira felicidade do canto. Entretanto, por seus cantos perfeitos, que não passavam de um canto ainda por vir, conduziam o navegante em direção àquele espaço onde o cantar começava de fato. Elas não o enganavam, portanto, levavam-no realmente ao objetivo. Mas, tendo atingido o objetivo, o que acontecia? O que era esse lugar? Era aquele onde só se podia desaparecer, porque a música, naquela região de fonte e origem, tinha também desaparecido, mas completamente do que em qualquer outro lugar do mundo; mar onde, com orelhas tapadas, soçobravam os vivos e onde as Sereias, como prova de sua boa vontade, acabaram desaparecendo elas mesmas. De que natureza era o canto das Sereias? [...] era um canto inumano [...] muito baixo e despertando, nele, o prazer extremo de cair, que não pode ser satisfeito nas condições normais da vida [...] o canto do abismo que, uma vez ouvido, abria em cada fala uma voragem e convidava fortemente a nela desaparecer (BLANCHOT, 2013, p. 03-04).

Blanchot vai partir do canto das sereias para pensar algumas questões: primeiramente, o lugar que torna a narrativa possível, que é o espaço da obra e para onde o canto dos seres lendários, as sereias, arrasta Ulisses. Ulisses ouve o canto das sereias, mas está amarrado ao mastro. Ouve o canto que convida a mergulhar na experiência e a nela desaparecer, mas não mergulha, pois “*surdez de quem é surdo porque ouve*”.

No texto “Pensamento do exterior” (2009), em *Ditos e Escritos III*, Foucault tematiza sobre a noção de atração e sua relação com o exterior, na qual “*ser atraído não é ser incitado pela atração do exterior, é antes experimentar, no vazio e no desnudamento, a presença do exterior e, ligado a essa presença,*

⁵⁴ Para maiores informações, ver *O livro por vir* (2013), Maurice Blanchot, tradução de Leyla Perrone-Moisés, pela Editora Martins Fontes.

o fato de que se está irremediavelmente fora do exterior".⁵⁵ O que inspira a obra no pensamento de Blanchot tem ligação com esse *ser atraído*. Essa atração oferece a possibilidade da experimentação e é a busca pelo desconhecido. Ouvir o canto é mergulhar em busca desse desconhecido, é se lançar ao fora. A obra pede uma entrega ao risco, um mergulhar nesse desconhecido sem garantidas, pois essa experiência de lançar-se ao fora exige de Stela um despojar-se de si, um descolamento de sua identidade, para então forjar esse espaço aberto da obra, esse pertencer ao exílio, uma vez que, no ato da escritura, quem escreve sempre se encontra num não lugar, sempre fora de si.

Um esclarecimento pertinente ao que Blanchot vai nomear de origem da linguagem é que, nesses termos, origem remete a um espaço sem lugar, que não existe de antemão. Origem é indeterminação que liberta a criação, para que esta seja essa possibilidade sempre aberta na obra. Retomando aqui a experiência de Ulisses e o canto das sereias, é preciso pontuar que: diferentemente de Ulisses, que ouve o canto amarrado ao mastro e, portanto, não mergulha na experiência, não sucumbe ao encantamento da voz, Stela mergulha nessa experiência e *assume o risco de nela desaparecer*. Mesmo vencidas, as sereias e o seu canto tornaram-se o encanto e a sedução. A voz que vêm de longe e leva para longe é a voz do encantamento. *A voz é o eco*. Stela dá passagem a esse eco, a essa voz. Sua escritura lhe permite esse entregar-se ao interminável, palavra que não cessa, pois *“escrever é fazer-se eco do que não pode parar de falar – e, por causa disso, para vir a ser o seu eco”* (BLANCHOT, 2011a, p. 18).

Toda voz, nesse lugar, desaparece porque esse lugar é pura possibilidade de voz, de toda e qualquer voz. Esse lugar do imaginário é um lugar inacessível por ser um lugar de puro silêncio, condição de todo canto. É a origem da narrativa e, simultaneamente, o que a narrativa busca: uma imagem possível, ainda que inconsistente, para explorar esse lugar. O ponto de partida é, ao mesmo tempo, um ponto ainda por vir, um ponto que não se materializou. A narrativa só pode narrar a si mesma, pois não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento, assim sendo *“o acesso a esse acontecimento, o*

⁵⁵ Este texto faz parte da Coleção Ditos e Escritos: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos III**. Estética: literatura e pintura, música e cinema. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

lugar onde ele é chamado a acontecer, acontecimento ainda por vir e cujo poder de atração permite que a narrativa possa esperar, ela também, realizar-se” (BLANCHOT, 2013, p. 8).

Stela sabia da importância de seu “falatório” (MOSE In: PATROCÍNIO, 2001, p. 25). Só uma Stela despojada de sua identidade *pode fazer sua voz produzir eco e em seu fluxo contínuo de formas, tomar corpo e criar essa linguagem delirante que, pela impossibilidade de vencer dentro do discurso da razão cartesiana, torna-se obra e, portanto, triunfa*. O canto é essa voz, que expressa a experiência da loucura que é de Stela e, ao mesmo tempo, de muitos dos que passam pelo manicômio. Emergindo de um lugar que é a própria impossibilidade de ter voz, a voz de Stela ultrapassa o individual, para dizer da experiência em si e, ao atravessar os muros do manicômio, pode testemunhar sobre a condição asilar, ao mesmo tempo em que podemos, nós também, testemunhar sua obra. Essa é a obra de Stela, voz sutil e imperceptível, quase inaudível, mas que tem força e potência.

Dominique Fingermann (2013, p. 33-38), em seu artigo “A voz do poema: ecos de Maurice Blanchot”, diz sobre uma aproximação entre o psicanalista e o escritor:

É essa mesma disposição poética que sustenta a posição do psicanalista, e permite que um laço entre voz e silêncio seja vetor da “não relação”. Silêncio, exílio, astúcia, indicam essa “voz vindo de mais além”, mais além do sentido, o mais além que no entanto reside na materialidade do corpo: fragmento, intermitência, descontinuidade, risco são algumas das astúcias de Maurice Blanchot para repercutir mais além do século a voz do poema (FINGERMAN, 2013, p. 35).

Responder a esta palavra que ultrapassa o entendimento, responder sem tê-la realmente ouvido é responder repetindo-a, fazendo-a falar. É disso que se trata esta pesquisa. Espaço onde a voz de Stela reverbera, nas fendas, pois operacionaliza uma torção da linguagem, um murmúrio, um sussurro.

A palavra que é verbo (portanto, voz) e a experiência da escritura só acontecem numa espécie de não-lugar, no exílio no qual é a linguagem que fala, posto que quem escreve desaparece. É a linguagem que fala por si, uma vez que Stela se desmancha, abrindo espaço para “*seu falatório*”. A linguagem enquanto instrumento e/ou ferramenta desaparece para se tornar sujeito. Maurice Blanchot, em *O livro por vir* diz que “*a literatura vai em direção a ela mes-*

ma, em direção à sua essência, que é o desaparecimento” (BLANCHOT, 2013, p. 285).

A escritura e/ou a experiência literária é a experiência impossível, e é o que torna a obra possível. Obra como ferramenta para se pensar novas possibilidades. E é necessário que Stela do Patrocínio crie através de sua linguagem uma obra para que nós possamos testemunhar sua existência.

Blanchot (2013) faz uma breve referência à experiência que marca a obra e a poética de Antonin Artaud:

Não lhe importa “*pensar corretamente, ver corretamente*”, ter pensamentos bem encadeados, apropriados e bem expressos [...] Ele sabe, com a profundidade que a experiência da dor lhe confere, que pensar não é ter pensamentos, e que os pensamentos que tem fazem-no somente sentir que “*ainda não começou a pensar*”. Esse é o grave tormento em que ele se retorce. É como se tivesse tocado, inadvertidamente e por um erro patético que provoca seus gritos, o ponto em que pensar já é sempre não poder ainda pensar. É um “im poder”, diz ele [...] Que a poesia esteja ligada a essa impossibilidade de pensar que é o pensamento, eis a verdade que não pode ser descoberta, pois ela escapa sempre, e obriga-o a experimentar verdadeiramente. Não é apenas uma dificuldade metafísica, é o arrebatamento de uma dor, e a poesia é essa dor perpétua [...] O senso comum perguntará: mas por que, se ele não tem nada a dizer, não para afinal de dizer? É que podemos nos contentar em dizer nada quando nada é apenas quase nada. Mas aqui parece tratar-se de uma nulidade tão radical que, pela desmedida que ela representa, pelo perigo que ela beira e a tensão que provoca, exige, como que para libertar-se, a formação de uma fala inicial com a qual serão afastadas as palavras que dizem alguma coisa (BLANCHOT, 2013, p. 50-51).

A experiência de Artaud, assim como a de Stela do Patrocínio, situa-se no que entendemos por experiência limite ou experiência do fora, e a passagem acima diz “*sobre a impossibilidade de pensar que é o pensamento*” e sobre a experiência do arrebatamento, que é a do desconhecido. Tanto Stela quanto Artaud vão partilhar dessa experiência trágica da loucura. Uma questão a ser considerada é a experiência da dor e a experiência da escritura, e sua inevitável relação com a morte.

Para pensar tal condição de arrebatamento para o desconhecido, que é a morte, vamos dialogar com Blanchot. Dentro de seu pensamento, morrer é o abandono de si, o desfazer-se, a dessubjetivação do sujeito e o instante em que ele desaparece. A experiência de morrer se apresenta como modelo de impossibilidade. E na impossibilidade da morte, a vida prossegue. É essa questão da morte, sobreviver para morrer. E Stela do Patrocínio é a sobrevivente,

sobrevive ao manicômio. Stela é condenada a sobreviver *de uma morte que não anula a possibilidade de morrer*. Blanchot vai pensar a possibilidade da arte partindo dessa questão: “*não, a arte não é possível, assim como a experiência da morte não o é*”. Ainda assim, é essa impossibilidade que permite a vida continuar. Enquanto a morte é impossível, ainda há sobrevivência. A arte é o que sobrevive, pois se apresenta como a criação de uma vida possível diante de uma morte inatingível.⁵⁶ Stela é uma micro-revolução dentro do aparelho manicomial, pois na condição de paciente asilar é uma sobrevivente.

Eu sobrevivi do nada, do nada
 Eu não existia
 Não tinha uma existência
 Não tinha uma matéria
 Comecei a existir com quinhentos milhões e quinhentos mil anos
 Logo de uma vez, já velha
 Eu não nasci criança, nasci já velha
 Depois é que eu virei criança
 (PATROCÍNIO, 2001, p. 80)

“*Escrever para não morrer*”, como afirma Maurice Blanchot. Stela busca saídas para essa morte e isso é uma questão de vida, de devir, de saúde. Stela faz de sua escritura, de seu falatório o seu fio de Ariadne,⁵⁷ no sentido de que se lança ao fora e consegue retornar. A escritura como forma de pensamento no próprio pensamento tem sua origem no processo de criação e recriação da vida. Linguagem e vida formam um *continuum*. De uma linguagem que não nos comunica e informa, mas imprime novas configurações no real.

⁵⁶ Para maiores informações ver: O espaço literário, de Maurice Blanchot. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

⁵⁷ Para maiores informações sobre o fio de Ariadne ver “Mistério de Ariadne segundo Nietzsche”, texto que consta do livro Crítica e Clínica, de Gilles Deleuze. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Lima (2009), a modernidade articulou formas na construção de uma estratégia para lidar com a loucura. Ao transformá-la em doença passível de ser estudada, conhecida, classificada, representada e *curada*, trata-a de forma a tentar apagar tudo que ela provoca de incômodo e desestabilização. Mas, como esse procedimento não parece suficiente, por via das dúvidas, é melhor deixá-la bem longe de nós. A loucura é, portanto, silenciada. Fala-se muito dela, mas ela não pode falar de si mesma ou por si mesma. Porém, a loucura não se deixa aprisionar, algo sempre escapa, sobra. E eis que todo o esforço na tentativa de afastá-la, paradoxalmente, a traz cada vez mais para perto.

A Reforma Psiquiátrica – sua eficácia terapêutica e apelo ideológico –, sustenta-se na percepção de que o cuidado em saúde mental deve se pautar pelo tratamento do paciente psiquiátrico para além do manejo dos sintomas da doença e na construção de uma ampla estrutura de cuidados, visando dar suporte a existências que, sem isso, estariam condenados à errância ou à hospitalização permanente. O cuidado deve ser praticado em liberdade. E um dos dispositivos para pensar a atenção psicossocial é a literatura, enquanto ressignificação das experiências de vida.

Para Menezes e Meneghel (2009, p.1318), trabalhar com a dimensão do “não saber”, no sentido de estar aberto à produção de um novo saber, parece um caminho possível para se abrir à dimensão do outro. Não o outro esperado, instituído, diagnosticado, e sim o outro ele mesmo, como é, como se faz existir, se constrói e seu inverso. O espaço da surpresa da existência descortina novas e possíveis existências, sejam imaginárias, reais ou simbólicas. A narrativa, a linguagem, enfim, a literatura potencializa o desejo de arriscar-se a existir muito além do transtorno – rótulo sociocultural de marcas profundas, que restringe o autoreconhecimento e autovalorização.

A literatura se configuraria, portanto, numa forma de desconstrução desse discurso, dessa subjetividade em série. Dessa forma, se pretende pensar qual a contribuição da literatura, enquanto um dispositivo para a clínica em Saúde Mental. De que maneira seria possível uma contribuição enquanto disposi-

tivo de resistência e produção de subjetividade, no sentido de permitir ao portador de sofrimento psíquico habitar a loucura ou estabelecer uma outra relação com a mesma.

A linguagem, narrativa e a escrita é o que resiste e possibilita a criação-invenção de um mundo que pode vir a ser habitado. As produções da loucura e a criação como atividade terapêutica – a arte como instrumento para lidar com o sofrimento. Esse trabalho com a arte dentro da instituição asilar vai ser importante para contextualizar o encontro entre Stela do Patrocínio e Viviane Mosé.

A arte ou o trabalho com a arte surgem como uma forma de transgredir a lógica utilitarista do homem como o que produz. A loucura ainda é algo que nos escapa. Nossa percepção de saúde e doença está ligada a uma lógica de produção, do capital. Stela através do seu falatório dá visibilidade a experimentação, ao acontecimento. No exílio, Stela busca saídas. Buscar saídas é uma questão de vida, de saúde.

Uma literatura menor é uma literatura que possibilita transgredir os limites da linguagem (comum, canônica), com o objetivo de forjar novas sensibilidades, abrindo caminho a um processo de criação e invenção, pela sua natureza revolucionária. Nesse sentido, a emergência do acontecimento Stela, e sua escritura, nos oferece a possibilidade de testemunhar sua obra. O livro como representação, no qual as palavras correspondem às coisas, a linguagem técnica, tecnicista, versus o livro como experimentação, mapa de experiências, de afetos e de possibilidades. Enfim, a obra. Obra enquanto ferramenta para se pensar outras possibilidades.

O escritor vê e ouve nos interstícios da linguagem, de uma linguagem que não se separa da vida, que é experimentação. E é a partir de um movimento de desterritorialização que Stela se dilui e se recompõe e, ao imprimir um grau de (im)personalidade no seu discurso, forja sua escritura. Essa escritura é o que transborda, derrama – ao não comunicar (diante da impossibilidade mesma de comunicar) –, é possibilidade, dá passagem à obra. Esse possível que é criação, obra, e que ultrapassa os muros do manicômio, é o fora da literatura que aparece no pensamento de Maurice Blanchot, uma experiência limite que possibilita desprender-se de si mesmo através da experimentação, criando outras possibilidades de existência e resistência.

Stela é uma micro-revolução dentro do aparelho manicomial. A poesia de Stela existe em si – obra de arte com valor estético. O apontamento crítico de Nietzsche insere a arte como composição de pensamento e vida. A arte (e a escritura de Stela se insere nesse contexto) tem uma intensidade (quantidade de potência empregada) que é devir, passagem e afeto. De um monólogo sem coerência a expressão artística, a obra de Stela é esse lugar da loucura onde *“todo esse imenso discurso do louco retornava ao ruído”* (FOUCAULT, 1996, p. 12). A palavra de Stela do Patrocínio, *de um ruído que, desdobrado, se torna a voz que atravessa os muros do manicômio e chega até nós, para que possamos testemunhar sua obra*. Ela reinventa a língua para dar voz e para falar desse sofrimento, falar dessa dor, e isso possibilita a obra.

Narrar não é relatar ou descrever acontecimentos, mas propriamente “acontecer”. Portanto, para que exista a narrativa, é necessário que alguém tenha vivido o acontecimento e possa contá-lo. Entretanto, essa narrativa nunca é o relato de um feito, mas o próprio feito, em ato. Stela não narra a experiência; ela vive a experiência em ato. É a experimentação que cria e inventa novas possibilidades de vida. Escrever sobre Stela do Patrocínio é dar, portanto, visibilidade ao acontecimento Stela.

Esse trabalho buscou responder a essa obra que ultrapassa os muros do manicômio, repetindo-a, fazendo-a falar, com uma análise estética da escritura de Stela, mais do que desenvolver instrumento para clínica, embora essa questão não esteja dissociada da clínica e pode, portanto, servir como base e/ou horizonte pra futuros trabalhos. Dentro dessa proposta, procuramos visualizar a experiência da loucura enquanto experiência-limite, e a poesia de Stela do Patrocínio como arte que resiste à instituição manicomial, na medida em que é vista dentro da própria categoria estética da experiência-limite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLIEZ, E. (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- ALMEIDA, L. P. de. O conceito foucaultiano de literatura. *Filosofia Unisinos*. 9(3):269-280, set/dez 2008.
- ALVERGA, A. R.; DIMENSTEIN, M. A Reforma Psiquiátrica e os desafios na desinstitucionalização da loucura. *Interface – Comunic., Saúde, Educ.*, v.10, n.20, p.299-316, 2006.
- AMARANTE, P. Loucura, cultura e subjetividade: conceitos e estratégias, percursos e atores da reforma psiquiátrica brasileira. In: FLEURY, Sonia. (Org.). *Saúde e Democracia: a luta do CEBES*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997. p. 163-185.
- AMARANTE, P. (Org.). *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: Panorama/ENSP, 1995.
- ANDRADE, C. A escrita de Derrida: notas sobre o modelo freudiano de linguagem. *Psicologia USP*, v. 27, n. 1, p. 96-103, 1 abr. 2016.
- AZEREDO, V. D. D. A metodologia de Foucault no trato dos textos nietzschianos. *Cadernos Nietzsche*, v. 1, n. 35, p. 57-85, 2014.
- BARICHELO, M. T. *Para além das letras*. Trabalho de conclusão do Programa de Aprimoramento Profissional em Saúde Mental. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009 (mimeo).
- BARROS, R. B. Clínica grupal. *Revista de Psicologia/UFF*, n.7, 1996.
- BARROS, R. B. & PASSOS, E. (2001). Clínica e Biopolítica na Experiência do Contemporâneo. *Revista de Psicologia Clínica: Pós-Graduação e Pesquisa*, 13(1), 89-99.
- BARROS, R. B. *Grupo: a afirmação de um simulacro*. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2009.
- BENEVIDES, D. S. *et al.* Cuidado em Saúde Mental por meio de Grupos Terapêuticos de um Hospital – Dia: perspectivas dos trabalhadores de saúde. *Interface - Comunic., Saude, Educ., Botucatu*, v.14, n.32, p.127- 38, jan./mar. 2010.
- BEZERRA JR, B., 1994. De Médico e de Louco Todo Mundo Tem um Pouco. O campo psiquiátrico no Brasil nos anos 80. In: *Saúde e Sociedade no Brasil nos anos 80*. (Guimarães, R. Tavares, R.) p. 171 - 191, Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- BLANCHOT, M. *A conversa infinita: a experiência limite (Volume II)*. Tradução: João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007.

BLANCHOT, M. A conversa infinita: a ausência de livro (Volume III). Tradução: João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010.

BLANCHOT, M. A conversa infinita: a palavra plural (Volume I). Tradução: Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010.

BLANCHOT, M. O espaço literário. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a.

BLANCHOT, M. A parte do fogo. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b.

BLANCHOT, M. Uma voz vinda de outro lugar. Tradução: Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLANCHOT, M. O livro por vir. Tradução Leyla Perrone-Moisés – 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

BOSI, A. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOTTI, N. C. L. Oficinas em saúde mental: história e função. Ribeirão Preto, 2004. Tese de Doutorado

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei n. 10. 216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em Saúde Mental. Diário Oficial da União, Brasília, 9 abril de 2001. Seção 1, p. 2.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM nº 336, de 19 de fevereiro de 2002. Define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial. Brasília, DF; 2002.

BRASIL. Portaria nº 336/GM, de 19 de fevereiro de 2002. (2002).

BRUNINI, B. C. C. B.; BENELLI, S. J. A localização genealógica da psicologia pericial no sistema judiciário: implicações éticas. Quaderns de Psicologia, v.18, n.1, p. 53-61, 2016.

CANDIDO, A. Vários escritos. 6ª ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2017.

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1990.

CARDOSO, T. M. A que(m) serve a música na Reforma Psiquiátrica Brasileira? Linhas de audibilidade nas práticas musicais e sonoras da Saúde Mental Coletiva. 2014. 184f. Dissertação de Mestrado. UNESP-Assis.

CAVALCANTI, A M. T.; LOUREIRO, C.; SANTOS, E.; AMENDOEIRA, M. C. R.; CAVALCANTI, M. T. Pode a arte ser terapêutica? Reflexões a partir do trabalho desenvolvido com pacientes da “terceira idade” no ateliê da vida do Instituto de Psiquiatria da UFRJ – IPUB. Rev Ter Ocup Univ São Paulo, v.14, n.3, p. 8-22, set./dez. 2003.

CEDRAZ, A.; DIMENSTEIN, M. Oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não? Rev. Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 5, n. 2, set. 2005.

COSTA, J. F. História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

COSTA – ROSA, A. da; DEVERA, D. Marcos históricos da reforma psiquiátrica brasileira: Transformações na legislação, na ideologia e na práxis. Revista de Psicologia da UNESP, v.6, n.1, 2007.

CZERESNIA, D. (org.). Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

DALLA VECCHIA, M.; MARTINS, S.T. F. Desinstitucionalização dos cuidados a pessoas com transtornos mentais na atenção básica: aportes para a implementação de ações. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 13, n. 28, p. 151 – 64, jan./mar. 2009.

DELEUZE, G. Lógica do sentido. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

DELEUZE, G. ¿Que és un dispositivo? In: BALBIER, E. et al. Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161.

DELEUZE, G. Crítica e clínica. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G; PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G. Proust e os signos. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. 2 edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. O que é filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2013a.

DELEUZE, G. Conversações. São Paulo: Editora 34, 2013b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Kafka. Por uma literatura menor. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1). Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G. A imanência, uma vida... Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/31079/19291>

DELGADO, P. G. G. 1992. *As razões da tutela - psiquiatria, justiça e cidadania do louco no Brasil*. Rio de Janeiro: Te Corá Editora.

DERRIDA, J. Gramatologia. São Paulo, SP: Perspectiva, 2006.

DERRIDA, J. Demorar: Maurice Blanchot. Tradução de Flavia Trocoli e Carla Rodrigues. Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2015.

DIMENSTEIN, M. A reorientação da Atenção em Saúde Mental: sobre a qualidade e humanização da assistência. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v.24, n.4, p.112 – 117, dez. 2004.

DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero; Introdução traduzida por Antônio Maia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ERVEDOSA, A. C.; MATOS, M. L. De poeta e louco todo mundo tem um pouco - Oficina de poesia. *Rev. NUFEN*, São Paulo, v. 1, n. 2, nov. 2009.

FAE, R. A genealogia em Foucault. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.9, n.3, p. 409-416, set./dez. 2004.

FINGERMANN, Dominique. A voz do poema: Ecos de Maurice Blanchot. **Tri-vium**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 33-38, dez. 2013.

FRANCO, T. B. Gestão do Trabalho em Saúde Mental.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. 11 ed. Tradução: Laura F. de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. Isto não é um cachimbo. Tradução: Jorge Coli. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

FOUCAULT, M. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975 – 1976). Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2ª ed. São Paulo: SP. Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992.

FOUCAULT, M. (1926-1984). A Grande Estrangeira: sobre literatura. Tradução Fernando Scheibe. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FOUCAULT, M. (1926-1984). O Belo Perigo: conversa com Claude Bonnefoy. Tradução de Fernando Scheibe. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. Tradução de Dante Moreira Leite. 9ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HERNANDES, K. M.; BRUNIERA, M. de S.; LUZIO, C. A. Oficina na Atenção Psicossocial: Experimentações com a palavra. Revista de Psicologia da UNESP 10(1), 2011.

HIRDES, A. A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re) visão. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, Fev. 2009. p. 297-305.

LAPOUJADE, D. As existências mínimas. Tradução: Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

LEITE, L. C. M. O foco narrativo. São Paulo: Ática, 1985.

LEMONS, F. C. S.; CARDOSO JUNIOR, H. R. A genealogia em Foucault: uma trajetória. Psic.Soc., Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 353-357, Dez. 2009.

LEMONS, F. C. S.; SILVA, D. G.; GALINDO, D.; MENDES, L. Notas sobre a genealogia e a pesquisa cartográfica. ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v. 5, n. 2, p. 209-218, 2015.

LEVI, P. É isto um homem? Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVY, T. S. A Experiência do fora: Blanchot, Foucault, Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

LIMA, E.M.F.A.; PELBART, P.P. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. Hist. Cienc. Saude - Manguinhos, v.14, n.3, p.709-35, 2007.

LIMA, E. A. Arte, Clínica e Loucura: território em mutação. São Paulo: Summus: FAPESP, 2009.

MACHADO, L. D.; LAVRADOR, M. C. C. Por uma clínica de expansão da vida. In: Interface – Comunicação, Saúde, Educação. Fundação UNI/UNESP, v. 13, supl.I, 2009 Botucatu, SP: Fundação UNI/UNESP, p. 515 – 521, 2009.

MACHADO, R.; LOUREIRO, A.; LUZ, R.; MURICY, K. Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MACHADO, R. Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder* (pp. VII – XXIII). Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2001.

MACHADO, R. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MACHADO, R. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MARTINS, A. (2004). Filosofia e saúde: métodos genealógico e filosófico-conceitual Philosophy and health: genealogical and philosophical-conceptual methods. Cad. Saude Publica, 20(4), 950-958.

MELLO, V. R. C. de. Grupo como dispositivo de promoção de saúde. Porto Alegre: Escola de Saúde Pública, 2002. 48p. Monografia. Pós – Graduação Lato Sensu em Saúde Pública. Escola de Saúde Pública de Porto Alegre, dez. 2002.

MESQUITA, J. F. de; NOVELLINO, M. S. F.; CAVALCANTI, M. T. A Reforma Psiquiátrica no Brasil: um novo olhar sobre o paradigma da Saúde Mental. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

MONTEIRO, M.S.A. Autoria e Discurso: diálogos com Michel Foucault. Apresentação de trabalho/comunicação, 2009, p. 326-334. Disponível em http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/lin/Maria_do_Socorro_de_Assis_Monteiro.pdf

MORAES, S. C. C.; MENEGHEL, S. N. Oficinas de contos e narrativas: produções discursivas de cuidado em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v.9, n.4, dez/2009.

MORUZZI, A. B.; ABRAMOWICZ, A. Pressupostos teórico-metodológicos da genealogia: composições para um debate na educação. Filosofia e Educação, v.2, n.2, (2010): 168-181.

MOSÉ, V. Nietzsche e a grande política da linguagem. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MOTA, T. O conceito de genealogia em Nietzsche. Intuitio. v.1, n.2, p. 308-328, novembro 2008.

MOTTA, M. B. (Org.). Michel Foucault: problematização do sujeito, psicologia, psiquiatria e psicanálise. Tradução: Vera Lúcia Avelar Ribeiro. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. (Coleção Ditos e Escritos I).

MOTTA, M. B. (Org.). Michel Foucault: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Tradução: Elisa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Coleção Ditos e Escritos II).

MOTTA, M. B. (Org.). Michel Foucault: estética: literatura e pintura, música e cinema. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Coleção Ditos e Escritos III).

MOTTA, M. B. (Org.). Michel Foucault: arte, epistemologia, filosofia e história da medicina. Tradução: Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. (Coleção Ditos e Escritos VII).

NIETZSCHE, F. W. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. Trad. de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ODA, A.M.G.R.; DALGALARRONDO, P. O início da assistência aos alienados no Brasil ou importância e necessidade de estudar a história da psiquiatria. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 128-141, Mar. 2004.

OLIVEIRA, A. G. B. Trabalho e cuidado no contexto da atenção psicossocial: algumas reflexões. Esc. Anna Nery Rev. Enferm. v.10, n.4, p.694-702, dez. 2007.

OLIVEIRA, L. J. D. A genealogia nietzschiana em Michel Foucault. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 9, n. 17, p. 117-125, abril 2002.

PATROCÍNIO, Stela do. Reino dos bichos e dos animais é o meu nome. Viviane Mosé (org.) Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

PAZ, O. O arco e a lira. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PELBART, P. P. Da clausura do fora ao fora da clausura. Razão e desrazão. 1989. São Paulo: Brasiliense.

PEREIRA, M.E.C. Pinel – a mania, o tratamento moral e os inícios da psiquiatria contemporânea. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, ano VII, n.3, set/2004, p.113-116.

PINEZI, G.; DANTAS, M. Experiência literária e morte em Blanchot: teoria do gênio como ontologia da linguagem. Letrônica, Porto alegre, v. 6, n. 2, p. 716-734, jul/dez., 2013.

PORTOCARRERO, V. Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Loucura & Civilização collection, v.4. ISBN 978-85-7541-388-3. Disponível em <http://books.scielo.org>

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. 2ª edição, São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, J. Existe uma estética deleuziana? In: ALLIEZ, E. (Org.) *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000.

REVEL, J. Michel Foucault: conceitos essenciais. Tradução brasileira: Maria do Rosário Gregolin *et al.* São Carlos, SP: Claraluz Editora, 2005, p.35.

SARACENO, B. Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Rio de Janeiro: Te Corá Editora-Instituto Franco Basaglia, 1999.

SCHWARCZ, L. M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, L. M. B. da. Oficinas Terapêuticas, para quê? Da subjetividade à reabilitação psicossocial. Porto Alegre; s. n; 2009.

SOUZA, A. C. Em tempos de PSF... Novos rumos para a atenção em saúde mental? 164p. Dissertação de mestrado apresentada à Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro: 2004.

TEDESCO, S. et al. Literatura e clínica: ato de criação e subjetividade. Polifonias: clínica, política e criação. Rio de Janeiro: Contracapa, p. 141-152, 2005.

TENÓRIO, F. A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 25-59, jan – abr. 2002.

TESTA, F. Filosofia e Desrazão: poder, resistência e estética na História da Loucura de Michel Foucault. Dissertação de Mestrado-Pontífice Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

TORRE, E. H. G.; AMARANTE, P. Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental. Ciência e Saúde Coletiva, v.6, n.1, p.73-85, 2001.

VENANCIO, A. T. A. Da colônia agrícola ao hospital-colônia: configurações para a assistência psiquiátrica no Brasil na primeira metade do século XX. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro. v. 18, supl.1, dez.2011, p. 35-52.

YASUI, S. A produção do cuidado no território: “há tanta vida lá fora”. In: Ministério da Saúde (BR). VI Conferência Nacional de Saúde Mental. Brasília (DF): MS, 2010.

YASUI, S. Rupturas e encontros: desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

ZAMBENEDETTI, G.; SILVA, R. A. N. D. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. *Psicologia & Sociedade*. São Paulo. Vol. 23, n. 3, p. 454 – 463, set./dez. 2011.

ZANETTI, N. dos S. CAPS: Dispositivo de Complexidade. Trabalho de conclusão do Programa de Aprimoramento Profissional em Saúde Mental. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006 (mimeo).

ZOURABICHVILI, F. Deleuze: uma filosofia do acontecimento. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.

ZOURABICHVILI, F. O vocabulário de Deleuze. Tradução: André Telles. Coleção: CONEXÕES, vol. 24. Editora: Relume Dumará, 2009.

ZUBEN, M. C. von. Entre história e liberdade: a ontologia do presente em Michel Foucault. 201p. Tese de Doutorado – Departamento de Filosofia, UNICAMP, Campinas-SP: 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR: RASTREAMENTO E LEVANTAMENTO DE SITES E FONTES.

Foi realizado um rastreamento e registro do material e de informações disponíveis sobre “Stela do Patrocínio”, na internet, em sites: são áudios, entrevistas e documentários, enfim, notícias sobre sua poesia entre outras. Esses materiais foram associados às publicações das poesias de Stela do Patrocínio (que eram inicialmente orais e foram gravadas) para o desenvolvimento e escrita da dissertação. Seguem os dados referentes ao levantamento realizado para essa investigação.

1 – Este faz referência a um texto de Valter Hugo Mãe, publicado em setembro de 2013. Disponível em:

<https://www.publico.pt/2013/09/22/jornal/stela-do-patrocinio-7088184?fbclid=IwAR0cU916Dse5TcR3jKKgxeCJy34-spv-Otu1FiidUDHQB7QEo2ewWVObhUI>

2 – No ano de 2018, alguns poemas de Stela do Patrocínio compuseram o rol de questões do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) no Brasil. A poesia de Stela esteve ao lado de grandes autores da literatura contemporânea como Torquato Neto, Angélica Freitas entre outros. Foi em 2018 também que Stela do Patrocínio foi uma das homenageadas, ao lado da escritora Hilda Hilst, em uma antologia de poesia brasileira contemporânea da revista *Palavras Andantes*. Alguns de seus poemas foram traduzidos para o espanhol por Jerónimo Pizarro, que é considerado um dos maiores conhecedores vivos de Fernando Pessoa e Andrea S. Valencia. Segue o link no qual estão as traduções bem como as questões do ENEM. Disponível em:

<https://revistasdecultura.com/2018/11/09/stela-do-patrocinio/?fbclid=IwAR12HmR2bAHi2XH1E78FJ3snlQLViBaj0JkVZj0hjDDI-L0PPIQVA6nGUwY>

3 – No dia 8 de junho de 2017 o Museu de Arte do Rio realizou a mesa "Diálogos sobre Stela do Patrocínio – da loucura para a literatura". Disponível em:

Curso Mulheres, Artes e Ciência: Diálogos sobre Stela do Patrocínio – Parte 1
<https://www.youtube.com/watch?v=TzAHAbYqTBQ&feature=share>

Curso Mulheres, Artes e Ciência: Diálogos sobre Stela do Patrocínio – Parte 2
<https://www.youtube.com/watch?v=-GQ6rwM9tWs&feature=share>

4 – Áudios de Stela do Patrocínio. Disponível em:

<https://jornalgggn.com.br/noticia/eu-nao-sei-fazer-justica-por-stela-do-patrocinio/>

5 – Entrevista com Stela do Patrocínio - Peça de teatro/ espetáculo musical
 Sinopse: Stela do Patrocínio, nascida em 1941, foi abandonada pela família na Colônia Psiquiátrica Juliano Moreira, onde viveu trinta anos, até morrer em 1997. Nos anos 1980, sua fala poética foi gravada pela artista plástica Neli Gutmacher. O material, anos depois foi transcrito pela escritora Viviane Mosé no livro *“Reino dos bichos e dos animais é meu nome”*, que foi finalista no Prêmio Jabuti em 2002. A peça conta com Georgette Fadel, que interpreta Stela e que ganhou o Prêmio Shell de melhor atriz em 2007. A ficha técnica conta com Georgette Fadel e Lincoln Antonio, na direção; Elenco com Georgette Fadel e Ju-

liana Amaral; Música e piano com Lincoln Antonio; Censura 14 anos. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=atwV3JYVaXw&fbclid=IwAR1ppuo7CnenbU5I_sSR8y-820AS2uE1VFMr1JDKm8sBsQ353svLwvMegjs

6 – Áudios de Stela do Patrocínio. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=-mR5pYs7YPU&feature=share&fbclid=IwAR0H1hTedzyGcY--25jCyNJ1xE8gi4JH2npVcuiSwyqnZ-oEJBWdX5blwr0>

7 - Documentário sobre a Colônia Juliano Moreira nos anos 80. Disponível:

<https://www.youtube.com/watch?v=lfthcmFmv6E>

8 – Matéria a respeito do espetáculo de teatro “Palavra de Stela” com Cleide Queiróz. Criado por Elias Andreato, o espetáculo tomou por base o registro em áudio da obra de Stela do Patrocínio realizado na década de 1980. Disponível em:

<https://revistacult.uol.com.br/home/stela-do-patrocínio-vozes-subterrâneas/>

9 – No cinema em 2008, o documentário de Márcio Andrade “Stela do Patrocínio: a mulher que falava coisas”. Disponível em:

http://portacurtas.org.br/filme/?name=stela_do_patrocínio_a_mulher_que_falava_coisas

10 – Música “11 canções em tom de demência”. Na música constam algumas das falas de Stela. Aqui um fragmento da fala de Ana Deus “*Fiquei muito surpreendida com o tipo de escrita dela, como se andasse à procura do ser, do existir, como se, por vezes, duvidasse da sua própria existência e estivesse sempre a fazer-se de novo através da palavra.*” Disponível em:

https://www.publico.pt/2015/12/18/culturaipsilon/noticia/11-cancoes-no-tom-da-demencia-1717505?fbclid=IwAR3CqHavjyUaFqhPBdIHimHOH6eime7-Ua_ewjRXSNpj0OT5VW275d17Q4c